

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**A EMERGÊNCIA DOS BLACK BLOCS E SUA  
REPRESENTAÇÃO NA MÍDIA**

**ISABELLA DE MAGALHÃES PEDREIRA**

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**A EMERGÊNCIA DOS BLACK BLOCS E SUA  
REPRESENTAÇÃO NA MÍDIA**

Monografia submetida à Banca de Graduação como  
requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social/ Jornalismo.

**ISABELLA DE MAGALHÃES PEDREIRA**

**Orientador: Prof. Dr. Paulo Domenech Oneto**

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **A emergência dos Black Blocs e sua representação na mídia**, elaborada por Isabella de Magalhães Pedreira.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Paulo Domenech Oneto  
Doutor em Filosofia pela Université de Nice (França)  
Escola de Comunicação – UFRJ

Profª. Dra. Rose Marie Santini  
Doutora em Ciências da Informação pela Universidade Federal Fluminense - UFF  
Escola de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho  
Doutor em Teoria da Comunicação e da Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ  
Escola de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2014

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

PEDREIRA, Isabella de Magalhães.

A emergência dos Black Blocs e sua representação na mídia.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação –  
ECO.

Orientador: Paulo Domenech Oneto

PEDREIRA, Isabella de Magalhães. **A emergência dos Black Blocs e sua representação na mídia.** Orientador: Paulo Domenech Oneto. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

## RESUMO

Este trabalho demonstra como os Black Blocs foram representados na mídia, especificamente nas revistas “Veja”, “Carta Capital” e “Istoé”, durante o período de Junho de 2013 a Março de 2014. Procura-se compreender a importância dessa caracterização em seu contexto político de manifestações por todo o país. Para tal, foi feito um levantamento factual desse momento histórico utilizando notícias publicadas nos meios de comunicação e uma análise do discurso das revistas mencionadas cujas edições tinham capas referentes ao assunto. O estudo inclui também um levantamento teórico para a compreensão do impacto dessas representações midiáticas dentro da opinião pública, baseando-se principalmente na Teoria do Agendamento.

## **SUMÁRIO**

### **1. INTRODUÇÃO**

### **2. AS MANIFESTAÇÕES DE 2013 NO BRASIL E A EMERGÊNCIA DOS BLACK BLOCS NA MÍDIA**

### **3. UMA ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE OS BLACK BLOCS NA MÍDIA BRASILEIRA**

3.1 O discurso da Veja

3.2 O discurso da Carta Capital

3.3 O discurso da Istoé

### **4. A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA OPINIÃO PÚBLICA**

4.1 As primeiras teorias

4.2 A *agenda setting* e o discurso sobre *Black Blocs*

### **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo apresentado neste trabalho busca compreender como o termo “black blocs” emergiu na mídia e a forma como vem sendo caracterizado por ela. O tema surgiu a partir da percepção da importância que o grupo designado pelo nome adquiriu durante as manifestações que começaram no Brasil em junho de 2013 e se estenderam até 2014, sendo atrelados a episódios de violência durante os atos. Esses protestos são de suma importância para compreensão do contexto político atual, dado as dimensões alcançadas. Sendo os *Black Blocs* um grande foco de atenção desse momento, eles também se tornam elemento passível de estudo.

A partir desse trabalho será possível responder, por um viés específico - o da mídia - quem são essas pessoas que agora são vistas como um grupo. Não há o objetivo central de contrapor essa visão com a forma como os próprios *Black Blocs* se definem. O principal é entender a importância da construção desse perfil pelos meios de comunicação, devido ao seu grande alcance dentro da sociedade. Além de compreender também qual é esse potencial de influência que a grande mídia possui, ultrapassando as suposições e revisitando estudos teóricos com essa abordagem.

Por ser uma reflexão atual, não é possível tirar conclusões precipitadas sobre o quanto esses episódios de depredações e o modo como eles foram retratados afetará ou não a sociedade. No entanto, por 2014 ser um ano de Copa do Mundo e eleições, há uma visibilidade política grande e, portanto, são cabíveis questionamentos sobre o impacto do discurso midiático para os processos políticos.

O segundo capítulo pretende fazer uma contextualização sobre as manifestações, abrangendo o período que vai desde junho de 2013 e termina em março de 2014. O objetivo é construir um levantamento factual sobre o assunto, deixando para um segundo momento as análises mais aprofundadas sobre o tema. O histórico dos protestos é importante por criar um panorama geral do momento político brasileiro, além de contextualizar em que campo de disputa social a monografia se insere.

A base de sustentação desse capítulo perpassa diversas matérias de portais *online*, como, por exemplo, O Globo, UOL, Carta Maior e G1, além de contar com artigos e livros que abordam as manifestações no Brasil e em outros países do mundo. No mais, também

foram utilizadas fontes audiovisuais para enriquecer a pesquisa, como por exemplo, os discursos da presidente Dilma Rousseff durante as manifestações e um vídeo do Festival Youpix que promoveu um debate sobre os protestos e o poder da mídia.

As possíveis dificuldades que serão encontradas nesse capítulo se referem a um distanciamento necessário dos fatos, por eles se situarem no presente. Para tal, será fundamental abster-se de memórias pessoais e se ater às notícias sobre o tema. Ainda assim, há em cada publicação midiática um ponto de vista inerente, mesmo que não de forma explícita, mas pela simples escolha dos assuntos ou da abordagem. Dessa forma, não há isenção completa em nenhum texto, no entanto, há nessa parte do trabalho uma busca pela objetividade no relato dos acontecimentos.

O terceiro capítulo refere-se à análise das revistas “Veja”, “Carta Capital” e “Isto é”. A opção por essas revistas possui ligação com o renome e a importância das mesmas no cenário nacional. A “Veja” é a revista mais vendida do país. Já a “Isto é”, apesar de vender aproximadamente metade dos exemplares da “Veja”, ainda assim tem um grande potencial de alcance. A “Carta Capital”, por sua vez, tem uma tiragem comparativamente pequena. Entretanto, todas elas são referenciais jornalísticos e possuem uma importante relevância na construção das ideias coletivas.

Outro aspecto importante que justifica a escolha dessas revistas são as distintas linhas editoriais que adotadas. Enquanto a “Veja” possui uma visão mais crítica ao governo atual, demonstrando abertamente a sua insatisfação com os rumos políticos do país, a “Carta Capital” possui uma ligação com o Partido dos Trabalhadores (PT) e, conseqüentemente, com o governo. A “Isto é”, por sua vez, parece não exibir um posicionamento político claro.

As edições utilizadas no trabalho serão selecionadas a partir da capa. O critério é possuir como manchete, ou seja, em destaque, uma referência às manifestações ou aos *Black Blocs*. Esse sistema foi escolhido porque dessa forma só serão analisadas as publicações cujo foco está no tema abordado. Não necessariamente ao falar dos protestos essas revistas falam dos *Black Blocs*, no entanto, essa análise também faz parte da pesquisa porque é fundamental compreender o momento anterior à emergência do termo.

Ao todo foram coletados e analisados cinco exemplares da “Veja”. Já em relação a “Carta Capital”, a pesquisa totalizou quatro revistas que se referem ao tema estudado.



Assim como na “Isto é”, em que também foram encontrados quatro exemplares relevantes para a monografia. Vale ressaltar que todas essas revistas se encontram disponíveis para pesquisa *online*, o que facilitou muito o trabalho de pesquisa.

As análises das revistas se dividiram em dois segmentos: o da análise do discurso e o da análise de imagens. O primeiro deles busca compreender que os discursos presentes nos periódicos estão inseridos em um contexto social mais amplo e, portanto se encontram atravessados por ideologias. Enquanto a imagem, que pode referir-se a infográficos, montagens ou fotografias, tem a função de chamar o leitor e promover uma reação mais imediata e impactante do que o próprio texto. É utilizado como referencial para análise de discurso o teórico Eduardo Manhães e das imagens Iluska Coutinho.

A eleição da revista, especificamente, como meio de comunicação para essa pesquisa, se deve ao fato de não ser um veículo diário e dessa forma poder ir além do factual. Sendo assim, há tempo para selecionar com mais critério o objeto noticiado e também sob qual perspectiva o assunto vai ser abordado, buscando algum diferencial, já que provavelmente o mesmo tema já foi reportado por outros veículos. No caso específico das manifestações, que estavam acontecendo todos os dias, a revista permite uma visão mais panorâmica e menos fragmentada dos acontecimentos, promovendo uma integração entre cada um dos episódios que ocorreram durante a semana.

O quarto capítulo será de aprofundamento teórico. Para tal, foram selecionadas teorias que iniciaram a discussão sobre os efeitos da comunicação de massa na sociedade, como forma de embasamento. Nesse momento, começaram a ser feitas pesquisas qualitativas e quantitativas para estudar o efeito do *feedback*. São elas a teoria hipodérmica, a teoria da persuasão e a teoria dos efeitos limitados. A primeira foi criada junto com o surgimento e a conceituação de massa e por isso pode ser considerada mais simples. A cada novo estudo a complexidade do fenômeno aumentou, acrescentando novas perspectivas e diferentes variáveis, como se evidencia nas outras duas teorias, que podem ser consideradas como uma superação da teoria hipodérmica.

A teoria do agendamento ( “*agenda setting*”), mais atual do que as outras citadas, servirá como alicerce para a discussão sobre o quanto o discurso do *Black Blocks* afetou a opinião pública. De acordo com esse referencial, a agenda da mídia compõe ou pauta a agenda da opinião pública, ou seja, os temas que aparecem em maior evidência na mídia

são aqueles aos quais as pessoas prestam mais atenção. Não apenas os temas em si, mas também determinadas perspectivas sobre esses assuntos. Mais do que isso, essa teoria conclui que comportamentos e atitudes também são influenciados pelos meios de comunicação de massa.

Portanto, o último capítulo terá como objetivo inicial, expor as três primeiras teorias sobre o efeito da comunicação de massa na sociedade. Em seguida, pretende-se relacionar a teoria do agendamento com aquilo que foi discutido no capítulo anterior, buscando possíveis efeitos do discurso da mídia sobre os *Black Blocs*.

## 2. AS MANIFESTAÇÕES DE 2013 NO BRASIL E A EMERGÊNCIA DOS BLACK BLOCS NA MÍDIA

Esse capítulo tem caráter expositivo e visa construir um panorama sobre as manifestações populares que tiveram início no ano de 2013. O objetivo é compreender o momento em que a imprensa começou utilizar o termo *Black Bloc* e, consequentemente, quando esse grupo passou a existir para toda a sociedade, para posteriormente, no próximo capítulo, analisar a forma como a mídia os retrata.

Para tal, foi feita uma revisão de matérias de jornais e revista sobre o tema, além de artigos, vídeos e outras monografias sobre o assunto. Por ser um fenômeno recente, não há pretensão de nenhuma conclusão precipitada e sim de fornecer material para o início de uma discussão acadêmica que promete acontecer daqui em diante.

As manifestações populares que tiveram início em junho de 2013 por todo o Brasil marcaram a história. Desde o *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor de Mello, em 1992, não se via nas ruas tamanha mobilização. Foram mais de 20 anos nos quais as críticas a precariedade do serviço público, corrupção e violência, por exemplo, aconteciam de forma isolada, sem reunir na rua grande contingente populacional e movimentar o país em torno de uma causa ou objetivo<sup>1</sup>. A indignação acontecia de forma particular e localizada, não contagiava, não vencida a inércia para uma ocupação efetiva do espaço público que já foi palco de lutas políticas importantes no passado, como a das Diretas Já<sup>2</sup> e dos caras pintadas<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Exemplos:

<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2010/09/centenas-de-pessoas-protestam-contracorrupcao-na-politica-em-bh.html>

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u642732.shtml>

Acessados em 01/04/2014

<sup>2</sup> O movimento das Diretas Já ocorreu no ano de 1983-1984, no contexto da Ditadura Militar em um momento de grave crise econômica no Brasil: inflação, recessão e desemprego. Nesse ambiente de instabilidade a oposição ao regime se mobilizou para aprovar a Emenda Dante Oliveira, que previa o reestabelecimento do voto direto para presidente da República do Brasil. Diversos comícios foram realizados, a exemplo do Rio de Janeiro que contou com a participação de cerca de 1 milhão de pessoas. O último desses comícios ocorreu na cidade de São Paulo, em 1984, contando com mais de 1 milhão e 500 mil pessoas. Foi o maior movimento cívico e popular da história do país. Mesmo com toda a mobilização da sociedade brasileira, a Emenda não foi aprovada pelo Congresso Nacional, fato que gerou uma enorme frustração na população brasileira. De toda forma, não deixou de mostrar a impopularidade que o regime militar atingiu nos seus anos finais.

<sup>3</sup> Caras pintadas é o nome pelo qual ficou conhecido o movimento estudantil que se organizou em 1992 com o objetivo de pedir o impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello. A década de 1990 herdou da década anterior um quadro de altíssima inflação e instabilidade econômica. Para superar essa questão,

O despertar da população aconteceu com o aumento das tarifas do transporte público. No dia 2 de junho de 2013 as passagens de ônibus, metrô e trens estavam mais caras em 11 capitais do Brasil. Os reajustes atingiram diretamente a vida de milhares de pessoas, que contavam com um serviço precário: ônibus mal conservados e lotados, trânsito, trens apresentando defeito com frequência e metrô insuficiente<sup>4</sup>. As grandes empresas que monopolizam os transportes passaram a ser questionadas nas redes sociais, em blogs e sites de notícias<sup>5</sup> pelo aumento progressivo de seus lucros sem o devido retorno na qualidade do serviço. Assim como os governos, que deveriam regulamentar as concessões de forma a garantir um direito fundamental: o de ir e vir.

As primeiras grandes mobilizações aconteceram em São Paulo e no Rio de Janeiro, organizadas pelo Movimento Passe Livre<sup>6</sup> por meio do seu site<sup>7</sup> e pelo *facebook*. Nesse início, alguns milhares de pessoas estiveram presentes, no entanto, pouca gente poderia imaginar a dimensão que aquele momento seria capaz de alcançar. Pelo histórico recente de poucas pessoas reunidas nas ruas, muitos não acreditaram na força da população para provocar a redução no preço das passagens.

---

Collor criou o que ficou conhecido como “Plano Brasil Novo”. Guiado pelos princípios neoliberais de privatização de diversas empresas e de cortes de gastos públicos, o programa econômico do ex-presidente contou com algumas medidas impopulares, principalmente aquela referente ao confisco por 18 meses dos depósitos bancários em contas correntes, em aplicações financeiras e em cadernetas de poupança. O objetivo era diminuir a quantidade de dinheiro circulando no mercado e, conseqüentemente, conter a inflação. Todavia, essa proposta foi vista de maneira muito negativa por amplos setores da população. Somado a essa plataforma econômica, outro fator que motivou a eclosão do movimento foi o escândalo de corrupção denunciado pelo irmão do presidente, Pedro Collor. De acordo com ele, o tesoureiro da campanha eleitoral de Fernando Collor, chamado de Paulo César Farias, chefiou um esquema de corrupção no qual facilitou contratos mediante pagamentos, assim como arrecadou dinheiro de várias empresas de maneira ilegal. Com essa conjuntura, eclodiu o movimento dos Caras Pintados exigindo a saída do presidente, ética na política e o fim da corrupção.

<sup>4</sup> Reportagem do fantástico mostra a superlotação dos trens em São Paulo e no Rio de Janeiro:

<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/01/autoridades-falam-sobre-problemas-no-transporte-publico-de-sp-e-rj.html> Acessado em: 01/04/2014

<sup>5</sup> Exemplos:

<http://paneladepressao.meurio.org.br/campaigns/284>

<http://www.brasildefato.com.br/node/26323>

<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/07/05/mp-investiga-lucro-exacerbado-de-empresas-de-onibus-de-porto-alegre.htm?cmpid=ctw-cotidiano-news>

Acessados em 01/04/2014

<sup>6</sup> O Movimento Passe Livre (MPL) é um movimento social que tem como uma das suas principais bandeiras a migração de um sistema de transporte privado para um sistema público. As ações do MPL consistem em trabalhos de divulgação, estudos e análise dos sistemas de transporte nas principais cidades do país. O MPL defende a qualidade dos transportes públicos com tarifa zero.

<sup>7</sup> A convocação para a mobilização popular: <http://tarifazero.org/2013/06/06/sp-grande-ato-contra-o-aumento-da-passagem/> acessado em 01/04/2014

Já nos primeiros protestos no Rio de Janeiro e em São Paulo, houve intervenção da polícia militar, com a utilização de bombas de gás lacrimogêneo, balas de borracha e *spray* de pimenta, na tentativa de inibir os manifestantes. No entanto, o efeito foi contrário, a violência só foi capaz de mobilizar mais pessoas. Os atos passaram a ocorrer com mais frequência - dia sim dia não - e a cada nova manifestação o número de adeptos só aumentava. No dia 10 de junho, a justiça anulou o reajuste em Goiânia, dando ainda mais força para que a luta continuasse nas outras capitais.

No dia 11 de junho, quando milhares de pessoas foram às ruas em São Paulo, a resposta das autoridades foi infeliz: o Prefeito Fernando Haddad e o Governador Geraldo Alckmin criticaram os protestos diretamente de Paris, afirmando que interromper o trânsito em vias importantes era caso de polícia<sup>8</sup>. Dessa forma, emergiu uma conjuntura ainda mais propícia ao fomento dos movimentos que já estavam em curso.

Além disso, nesse momento, alguns grupos pequenos que estavam incitando a violência durante as manifestações, jogando coquetéis molotov e pedras contra os policiais, além de quebrar agências bancárias e outros estabelecimentos comerciais começaram a chamar a atenção da imprensa, do Estado e da população. No Rio de Janeiro, pelo menos 34 pessoas foram detidas dia 11 de junho. O Governador Sérgio Cabral se pronunciou sobre o caso, questionando a espontaneidade dos atos e afirmando haver um caráter político por trás desses acontecimentos<sup>9</sup>.

Os novos protestos que ocorreram dia 13 de junho foram um marco em relação à quantidade de pessoas nas ruas. A violência policial aumentou como uma resposta aos recentes casos de depredações, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Na capital paulista, os policiais utilizaram a força para impedir os manifestantes de chegarem até a Avenida Paulista, uma via importante da cidade. Com isso, houve confronto. Além disso, jornalistas e manifestantes foram presos de forma arbitrária, como o exemplo do repórter da “Carta Capital”, Piero Locatelli, detido por portar vinagre<sup>10</sup>. A Anistia Internacional publicou nota demonstrando preocupação em relação ao aumento da violência

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/em-entrevista-radio-alcmin-diz-que-bloquear-vias-e-caso-de-policia.html> acessado em 01/04/2014

<sup>9</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/cabral-diz-que-protesto-tem-ar-politico-que-nao-e-espontaneo-da-populacao.html> acessado em 01/04/2014

<sup>10</sup> Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/13/jornalista-e-preso-durante-protesto-contra-aumento-da-tarifa-em-sp.htm> acessado em 01/04/2014

policial e à falta de diálogo das autoridades, levando a uma radicalização da repressão, com casos de presos enquadrados no crime de formação de quadrilha<sup>11</sup>.

A violência somada às respostas das autoridades, que repudiavam as reivindicações e não propunham nenhum diálogo, mobilizou quem até aquele momento assistia tudo pela televisão. Criou-se uma rede de solidariedade em relação aos últimos acontecimentos. Fatos emblemáticos espalharam-se de forma viral pelas redes sociais, como o vídeo da repórter do jornal Folha de São Paulo, que foi atingida no olho com uma bala de borracha disparada por um policial, enquanto trabalhava cobrindo os protestos<sup>12</sup>. O número de manifestantes passou da casa da dezena de milhares para centena de milhares nos dias subsequentes.

Além disso, a onda de insatisfação se espalhou além das capitais, atingindo cidades do interior como Poços de Caldas, Juiz de fora, Viçosa, Londrina, Foz do Iguaçu, Campo dos Goytacazes, Três Rios, Araraquara, Bauru, Santos, entre outras. Os brasileiros que moram no exterior também decretaram apoio e fizeram suas próprias manifestações em países como Estados Unidos, Canadá e Espanha, voltando à atenção do mundo para o que estava ocorrendo no Brasil. No mesmo momento, a PM de São Paulo proibiu as balas de borracha nos atos.

No dia 18 de junho as autoridades começaram a recuar. Diante da percepção da dimensão das manifestações, quatro capitais anunciaram a redução das tarifas: Cuiabá, Porto Alegre, Recife e João Pessoa. Além disso, a Presidente Dilma Rousseff discursou no Palácio do Planalto declarando estar ouvindo as vozes pela mudança e ter um Governo comprometido com a mudança social:

Os que foram ontem às ruas deram uma mensagem direta ao conjunto da sociedade, sobretudo aos governantes de todas as instâncias. Essa mensagem direta das ruas é por mais cidadania, por melhores escolas, melhores hospitais, postos de saúde, pelo direito à participação. Essa mensagem direta das ruas mostra a exigência de transporte público de qualidade e a preço justo. Essa mensagem direta das ruas é pelo direito de influir nas decisões de todos os governos, do Legislativo e do Judiciário. Essa mensagem direta das ruas é de

---

<sup>11</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/anistia-diz-que-violencia-e-prisao-de-jornalistas-em-atos-e-preocupante.html> acessado em 01/04/2014.

<sup>12</sup> Disponível em <http://mais.uol.com.br/view/e0qbgxid79uv/jamais-achei-que-ele-fosse-atirara-firma-reporter-atingida-04020D193970D4A94326?types=A> acessado em 20/03/2014

repúdio à corrupção e ao uso indevido do dinheiro público. (ROUSSEFF, 2013)<sup>13</sup>

No dia seguinte à declaração da presidente, 19 de junho, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, as capitais que registravam os mais intensos confrontos entre a polícia e os manifestantes, também decidiram voltar atrás e revogar o reajuste. Esse recuo das autoridades significou uma vitória importante do movimento.

No entanto, a medida, que visava frear o ímpeto dos manifestantes, foi tomada em um momento no qual a dimensão já ia muito além do aumento das passagens. Todos os problemas e descasos enfrentados durante anos culminaram nesse motivo específico: o transporte. A corrupção, a desigualdade, a falta de investimentos na saúde, o abandono da educação pública e a falta de legado das grandes obras, feitas em função dos grandes eventos internacionais, para a população foram só algumas das contestações que não puderam ser silenciadas com a revogação do reajuste.

No dia 20 de junho, o movimento, iniciado 15 dias antes, atingiu o seu ápice. No Rio de Janeiro, cidade onde ocorreu o maior dos protestos, a Avenida Presidente Vargas, uma das principais do centro da cidade, foi fechada. A quantidade de manifestantes que estiveram presentes é incerta, enquanto algumas fontes falam em 300 mil pessoas<sup>14</sup>, outras dizem que o número ultrapassou um milhão<sup>15</sup>. Ao mesmo tempo, mais de 100 cidades por todo o país também estavam nas ruas<sup>16</sup>, demonstrando que os 20 centavos de aumento foram apenas a causa inicial, um motivo desencadeador para a expressão de várias outras insatisfações que estavam guardadas há anos.

Com a situação política no seu limite, a presidente Dilma Rousseff se pronunciou na rede de televisão nacional anunciando uma série de medidas que buscavam atender às reivindicações. Em seu discurso, prometeu a elaboração de um Plano Nacional de Mobilidade Urbana, a destinação de cem por cento dos recursos do petróleo para a

---

<sup>13</sup> Trecho do discurso proferido pela Presidente Dilma Rousseff Disponível em <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/dilma-defende-protestos-e-diz-que-governo-ouve-vozes-pela-mudanca.html> acessado em 20/01/2014.

<sup>14</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/ato-no-rio-reune-300-mil-pessoas-e-termina-em-confronto-com-pm.html> acessado em 30/03/2014

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www.epochtimes.com.br/policia-esmaga-protesto-de-1-milhao-de-pessoas-no-rio-videos/#.UzxsUPmHiSo> acessado em 31/03/2014

<sup>16</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-tem-125-milhao-de-pessoas-um-morto-e-confrontos.html> acessado em 01/04/2014

educação e a vinda imediata de milhares de médicos do exterior para ampliar o atendimento do Sistema Único de Saúde, o SUS. Além disso, ela anunciou que ia receber os líderes das manifestações pacíficas, os representantes das organizações de jovens, das entidades sindicais, dos movimentos dos trabalhadores e das associações populares, por considerar suas contribuições, reflexões e experiências importantes<sup>17</sup>.

Entretanto, embora apesar do governo federal tenha se posicionado, as manifestações continuaram. No dia 24 de junho a Presidente Dilma Rousseff propôs aos 27 Governadores e 26 prefeitos convidados por ela para uma reunião no Palácio do Planalto, cinco pactos para mudar o Brasil e um plebiscito para constituinte da reforma política. Na economia, apresentou um pacto de responsabilidade fiscal, estabilidade e controle da inflação. Contra a corrupção julgou necessário endurecer a legislação. Já para a saúde pediu aos governadores e prefeitos para acelerar os investimentos já contratados em hospitais, unidades de pronto atendimento e unidades básicas de saúde, além de reafirmar que o governo quer incentivar a ida de médicos para cidades do interior do país. Sobre os transportes a Presidente falou em "dar um salto de qualidade". Por fim, em relação à educação, pediu apoio para o projeto que destina 100% dos royalties da exploração do petróleo para a área<sup>18</sup>.

Outras medidas também foram anunciadas: em São Paulo o BNDES liberou 2,3 bilhões para o metrô<sup>19</sup>, o Governo Federal lançou o projeto de perdão às dívidas tributárias das Santas Casas<sup>20</sup>, a Câmara arquivou a PEC37<sup>21</sup>, a Presidente Dilma Rousseff recebeu o MPL no Planalto<sup>22</sup>, os Deputados aprovaram 75% dos royalties para educação e 25% para a saúde<sup>23</sup>, o Prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, prometeu uma auditoria nos

---

<sup>17</sup> Discurso disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/veja-e-leia-o-pronunciamento-na-tv-da-presidente-dilma-rousseff.html> acessado em: 28/01/2014.

<sup>18</sup> Discurso disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=NuOSUC4suxQ> acessado em 28/01/2014

<sup>19</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/bndes-anuncia-apoio-de-r-23-bi-para-expansao-do-metro-de-sp.html> acessado em 10/04/2014

<sup>20</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2013/06/projeto-de-ministerio-preve-perdao-de-divida-tributaria-de-santas-casas.html> acessado em 10/04/2014

<sup>21</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/camara-derruba-pec-que-tentava-limitar-o-poder-de-investigacao-do-mp.html> acessado em 10/04/2014

<sup>22</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/apos-reuniao-com-mpl-ministro-reconhece-transporte-deficiente.html> acessado em 25/03/2014

<sup>23</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/camara-destina-75-dos-royalties-para-educacao-e-25-para-saude.html> acessado em 25/03/2014



transportes públicos<sup>24</sup> e o Senado aprovou o crime hediondo para corrupção<sup>25</sup>. Após o anúncio dessas mudanças, depois de quase um mês de muita conturbação política, os ânimos se acalmaram e as manifestações perderam força.

No Rio de Janeiro, grupos menores continuaram a protestar, dessa vez não mais no centro da cidade, mas na rua onde morava Sergio Cabral, governador na época e também em frente ao Palácio Laranjeiras, sede do governo estadual. Em ambos os locais ocorreram confrontos intensos entre manifestantes e policiais. Alguns casos foram marcantes, como o episódio em que as luzes da esquina da Avenida Delfim Moreira com a Rua Aristides Espíndola, onde fica a residência de Cabral, foram apagadas, transformando o local em uma praça de guerra<sup>26</sup>.

Em alusão ao movimento de ocupação que teve início com os *Indignados*<sup>27</sup> da Espanha e logo depois com o *Ocuppy Wall Street*<sup>28</sup>, nos Estados Unidos, manifestantes montaram um acampamento embaixo da casa do Governador Sérgio Cabral no Leblon, bairro de classe alta da cidade. O movimento teve dois momentos distintos, o primeiro com início ainda durante as manifestações, que durou pouco mais de um mês e ficou conhecido como “Ocupa Cabral”. O segundo aconteceu no final do mês de outubro, no mesmo local e ficou conhecida como “Ocupa Leblon”. No último episódio, os ocupantes passaram a ser chamados pela imprensa de “adeptos da tática Black Bloc”<sup>29</sup>. Durante ambos os períodos ocorreram diversos confrontos com a polícia e o governador chegou a utilizar os filhos pequenos para pedir o fim das manifestações no local<sup>30</sup>. As reivindicações eram pela

---

<sup>24</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/prefeito-do-rio-apresenta-pacto-pela-transparencia-nos-transportes.html> acessado em 25/03/2014

<sup>25</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/06/senado-aprova-texto-base-de-projeto-que-torna-corrupcao-crime-hediondo.html> acessado em 25/03/2014.

<sup>26</sup> Disponível em <http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/rj-com-rua-de-cabral-sem-luz-pm-joga-bombas-para-dispersar-protesto,a1eba06ca8caf310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html> acessado em 06/04/2014

<sup>27</sup> Série de protestos espontâneos iniciados em 2011 na Espanha. Inicialmente idealizados por meio da plataforma digital “Democracia real já” com o apoio de centenas de pequenas associações. Ao longo dos protestos surgiu uma série de reivindicações políticas, sociais e econômicas, com um desejo de transformações no modelo democrático e econômico vigente. Manifestantes ocuparam as praças públicas, promovendo debates e atividades culturais com o objetivo de discutir as mudanças desejadas.

<sup>28</sup> Movimento contra desigualdade econômica e social, a ganância, a corrupção e a influência das empresas, principalmente do setor financeiro, no governo dos Estados Unidos. A estratégia foi manter ocupado o setor financeiro da cidade de Nova Iorque, região chamada de Wall Street. As pessoas se organizaram em assembleias gerais para conceber decisões coletivas.

<sup>29</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/10/1363214-black-blocs-fazem-ocupacao-na-esquina-do-governador-do-rio.shtml> acesso em 06/04/2014

<sup>30</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/cabral-diz-que-nao-e-ditador-e-pede-fim-de-protestos-na-frente-da-sua-casa.html> acessado em 28/03/2014

abertura de um canal de diálogo e também contra a utilização de helicópteros públicos para viagens particulares de Cabral com a família.

Outra ocupação similar aconteceu na Praça da Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro, onde está localizada a Câmara dos Vereadores. O movimento, atualmente com quase 10.000 seguidores em sua página no Facebook<sup>31</sup>, teve início em julho de 2013. Os manifestantes acampados no local tinham como primeiro objetivo criticar a CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) dos ônibus, criada após a pressão popular para investigar os contratos das empresas detentoras das concessões de ônibus no Rio de Janeiro. A polêmica aconteceu pela ilegitimidade na composição da comissão, que tinha quatro dos cinco membros integrantes da base do Prefeito Eduardo Paes, quando na verdade deveria respeitar a proporcionalidade da bancada, com 47% dos vereadores.

Conhecido como “Ocupa Câmara”, a ação logo tomou contornos similares ao que aconteceu na Espanha e nos Estados Unidos. Com assembleias populares convocadas pelas redes sociais<sup>32</sup>, eles visavam criar um espaço de construções coletivas, com debates sobre o futuro da cidade. Além disso, ocorreram também performances culturais, de forma espontânea e com a participação de pessoas que não dormiam no local, mas iam até a praça para participar ativamente do movimento.

Quase dois meses depois dos protestos que se iniciaram devido ao aumento das passagens de ônibus, no dia 8 de agosto de 2013, professores da rede estadual e municipal do Rio de Janeiro entraram em greve. As reivindicações eram por aumento salarial e melhores condições de trabalho. Ambos os momentos, de junho e agosto, apesar de não terem a mesma pauta direta, se relacionam intrinsecamente.

Os professores da rede municipal não entravam em greve há 20 anos, apesar da precariedade da educação pública básica e da desvalorização do profissional da área. Despertados por toda a agitação política que aconteceu anteriormente, decidiram ir para as ruas em prol de melhorias, apoiados também por parte dos manifestantes de junho.

O comportamento truculento da polícia militar, já muito criticada nos episódios anteriores, ganhou notoriedade quando os professores ocuparam a câmara dos vereadores. O objetivo era demonstrar insatisfação com o novo plano de cargos e salários que seria

---

<sup>31</sup> <https://www.facebook.com/ocupacamario> acessado em 10/04/2014.

<sup>32</sup> Exemplo: <https://www.facebook.com/events/556317121150224/> acessado em 10/04/2014

votado. Sem um mandato judicial de reintegração de posse, os professores foram violentamente retirados do local com a utilização de bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha<sup>33</sup>. Logo depois do ocorrido, eles decidiram se unir aos manifestantes do "Ocupa Câmara". A sinergia parecia completa. A partir de então ambos os momentos se confundiram e tornaram-se um só. A luta era pela dignidade há muito tempo perdida nas mais diversas esferas.

A manifestação que aconteceu na noite de 15 de outubro de 2013, dia do professor, também merece destaque, podendo ser considerada uma das mais violentas desde junho. Um jovem foi baleado e mais de 200 pessoas foram detidas<sup>34</sup>. Os Black Blocs passaram a integrar os diversos protestos que aconteceram durante mais de dois meses de greve<sup>35</sup>.

Depois desse tempo de paralisação, os professores da rede estadual e municipal decidiram em assembleia pelo fim da paralisação, apesar do plano de cargos e salários continuar sendo rejeitado pela maioria dos docentes. O que ficou de lição, assim como nas manifestações de junho, foi a capacidade de mobilização, mesmo quase vinte anos depois da última greve da categoria.

No ano de 2014 as manifestações foram retomadas. O aumento das tarifas de ônibus no Rio de Janeiro foi apenas adiado pelo Estado para acalmar as mobilizações, como ficou claro com o anúncio dos reajustes que aconteceriam em fevereiro. As passagens aumentaram de R\$2,75 para R\$3,00 no dia 8 de fevereiro de 2014. Além disso, com a aproximação da Copa do Mundo, marcada para o mês de junho do mesmo ano, começaram a ocorrer protestos em contestação aos gastos excessivos com o evento e a falta de investimentos em outras áreas consideradas prioritárias, como educação e saúde.

No dia 6 de fevereiro, durante um protesto, o cinegrafista da televisão Bandeirantes, Santiago Andrade, foi atingido com um rojão lançado por um manifestante. Ele estava trabalhando registrando o ato. Quatro dias depois ele teve a morte encefálica diagnosticada. Com a fatalidade, as manifestações voltaram a estar no centro das atenções. Dessa vez, no entanto, podemos acrescentar o fator da morte de um jornalista. Nesse caso, toda a mídia se

---

<sup>33</sup> Disponível em <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2013-09-29/professores-grevistas-sao-retirados-da-camara-a-base-de-forca.html> acessado em 10/04/2014

<sup>34</sup> Disponível em <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2013-10-16/jovem-de-18-anos-e-baleado-durante-manifestacao-dos-profissionais-da-educacao.html> acessado em 10/04/2014

<sup>35</sup> Disponível em <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-09-30/professores-grevistas-e-black-blocs-fazem-manifestacao-em-frente-camara-do-rio> acessado em 10/04/2014.

voltou a investigar, utilizando imagens gravadas, quem seria responsável pelo crime. Dois homens suspeitos de envolvimento com a morte foram rapidamente identificados pela polícia e logo em seguida presos.

O episódio foi marcante não só pela violência, como também por toda a discussão gerada em torno do fato. No dia 10 de fevereiro o jornal O Globo publicou uma reportagem de capa vinculando o Deputado Estadual Marcelo Freixo, do PSOL, ao acusado de detonar o rojão que matou o cinegrafista. A ligação teria sido comprovada por um telefonema ouvido pelo advogado de um dos suspeitos, Jonas Tadeu Nunes, e registrado na delegacia pelo seu estagiário. Uma história bastante confusa sobre a qual o jornal não levantou grandes questionamentos a respeito de sua veracidade.

Com uma apuração frágil O Globo sustentou uma acusação grave relacionando o político aos atos de violência. Logo depois veio à tona, pelas redes sociais, que o mesmo advogado defendeu o chefe da maior milícia do Rio de Janeiro, o ex-deputado estadual Natalino José Guimarães, que foi preso em 2008 com as investigações da CPI das Milícias presidida por Marcelo Freixo na assembleia legislativa. Jonas Tadeu Nunes se desculpou publicamente pelas falsas acusações<sup>36</sup>. No entanto, o jornal O Globo não se retratou imediatamente e quando o fez justificou a falha jornalística utilizando o argumento da sua responsabilidade em informar a população.

O caso tomou grandes proporções e levantou questionamentos principalmente sobre o interesse do jornal em sujar o nome do deputado, além do sensacionalismo envolvido. Artistas e pensadores importantes como Caetano Veloso, Gregório Duvivier e Leonardo Boff vieram a público defender Marcelo Freixo.<sup>37</sup>

No total foram três editoriais publicados no Globo a respeito do assunto: o primeiro questionava se o deputado estaria do lado da democracia, o segundo afirmava proximidade comprovada de seu gabinete aos *Black Blocs* e o terceiro, por fim, em tom menos agressivo, tentava justificar toda a cobertura anterior. Vale ressaltar que o assunto deixou de ser tratado como notícia para ser publicado como opinião.

---

<sup>36</sup> Disponível em <http://radioglobo.globo.com/noticias-do-rio-de-janeiro/2014/02/10/ADVOGADO-DE-ENVOLVIDO-NA-MORTE-DE-CINEGRAFISTA-PEDE-DESCULPAS-A-MARCELO-FREIXO.htm> acessado em 31/01/2014

<sup>37</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/chicoalencar/photos/a.220261591409433.36789.184693888299537/476115392490717/?type=1&theater> acessado em 31/01/2014

O último editorial, com o título de "O papel de um jornal", assim como o artigo de resposta escrito pelo Deputado Marcelo Freixo<sup>38</sup>, deixam no ar algumas questões importantes para reflexão. Pelo assunto ainda muito recente, cabe apenas deixá-las em aberto. O Globo se utilizou de um tom professoral para alegar que Marcelo Freixo não é um homem acima do bem e do mal e, portanto, as acusações deveriam ser publicadas, já que é esse o papel do “bom” jornalismo. A empresa reiterou seu posicionamento inflexível na TV Globo, tanto no Jornal Nacional, quanto no RJTV. No entanto, a fragilidade dos fatos e a falta de um contraponto direcionam o leitor para um único ponto de vista. O bom jornalista, pelo contrário, deveria ser capaz de ampliar a visão de quem recebe a notícia, para que esse fosse capaz de refletir sobre o fato tirando suas próprias conclusões.

Como forma de repúdio a toda a confusão causada, aconteceu no dia 17 de fevereiro um ato de apoio ao Deputado Marcelo Freixo no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Estiveram presentes acadêmicos, ativistas, artistas, movimentos sociais, representantes de diversos partidos políticos, entidades religiosas e juízes em um espaço que foi além da mera demonstração de desagravo e se tornou um lugar propício ao debate<sup>39</sup>.

Diante dos episódios expostos, ocorridos nos anos de 2013 e 2014, os *Black Blocs* ganharam evidência e estiveram em muitos momentos no foco das discussões da mídia sobre as manifestações. No próximo capítulo será feita uma análise da forma como a mídia noticiou os fatos envolvendo-os, assim como produziu perfis de seus integrantes, construindo uma identidade.

---

<sup>38</sup> Disponível em <http://www.rodrigovianna.com.br/radar-da-midia/marcelo-freixo-desmoraliza-o-globo.html> acessado em 31/02/2014.

<sup>39</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/02/ato-em-defesa-de-freixo-critica-imprensa-e-reune-200-pessoas-no-rio.html> acessado em 10/04/2014

### 3. UMA ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE OS BLACK BLOCS NA MÍDIA BRASILEIRA

Este capítulo tem caráter analítico com o objetivo de compreender como a mídia brasileira construiu a imagem do grupo que ficou conhecido como *Black Blocs*. Para tal, foram utilizadas três revistas que possuem linhas editoriais distintas e representativas do atual panorama midiático brasileiro. São elas: Veja, Carta Capital e Istoé.

A escolha desses títulos específicos ocorreu por todas serem publicações semanais controladas por grupos nacionais<sup>40</sup> ou empresas com interesses diferentes. A Revista Veja pertence ao Grupo Abril, dono de 74 veículos por todo o Brasil<sup>41</sup> e possui a maior tiragem do país: mais de um milhão de exemplares<sup>42</sup>. A Istoé, por sua vez, é controlada por um grupo menor, o Três Editorial, que possui apenas oito veículos<sup>43</sup> sua tiragem é em torno de 400 mil exemplares. Por fim, a Carta Capital tem uma tiragem pequena, de 70 mil cópias<sup>44</sup> e é publicada pela Editora Confiança, que não pertence a nenhum grande grupo midiático.

A análise foi feita com edições dessas revistas selecionadas a partir de um critério: a matéria principal, com destaque na capa, deveria ser sobre as manifestações de rua ou sobre os *Black Blocs* especificamente, publicadas entre Junho de 2013 e Março de 2014. A partir dessa separação inicial foram analisadas a capa e a matéria principal, incluindo também as imagens nelas contidas.

O método de trabalho escolhido para a análise do texto foi a análise do discurso inglesa, com base no que é exposto por Eduardo Manhães. Nesse caso, a construção linguística é considerada como parte do contexto social a qual pertence, não podendo ser enxergada de forma completamente isolada. Portanto, devem ser levadas em consideração as construções ideológicas do emissor e também a assimilação do público alvo ao qual aquele texto é destinado. Como discorre Eduardo Manhães (2010), o sujeito é movido por uma intenção ao mostrar o mundo para um interlocutor a partir de seu ponto de vista.

---

<sup>40</sup> São considerados grupos midiáticos o conjunto de empresas, fundações ou órgãos públicos que controlam mais de um veículo de comunicação.

<sup>41</sup> Fonte: <http://donosdamidia.com.br/grupo/27813> acessado em 21/04/2014

<sup>42</sup> Fonte: <http://www.publiabril.com.br/tabelas-gerais/revistas/circulacao-geral/imprimir> acessado em 21/04/2014

<sup>43</sup> Fonte: <http://donosdamidia.com.br/veiculo/30628> acessado em 21/04/2014

<sup>44</sup> Fonte: <http://donosdamidia.com.br/veiculo/31106> acessado 21/04/2014

A metodologia se aplica a esse estudo já que é possível considerar as revistas analisadas como emissores com intenções específicas dentro de um contexto bem delimitado. O estudo foi feito com base na desconstrução do texto, associando-o ao histórico dos protestos exposto no capítulo anterior e também relacionando as revistas entre si.

Já para analisar as imagens contidas nas revistas, o texto de Ilka Coutinho foi considerado como base para o acesso a diversas pesquisas e pensadores que discutem essa abordagem. Todos os elementos, tanto técnicos quanto os relacionados ao conteúdo, combinados entre si, dialogam entre si, transmitindo uma mensagem ao leitor. A escolha por determinada fotografia, que enquadra um ângulo específico de uma cena e também as cores predominantes nessas composições foram os pontos principais observados durante a pesquisa.

### **3.1 O discurso da Revista Veja**

A revista Veja publicou cinco edições, dentro do período estudado, cuja capa se refere às manifestações ou aos *Black blocs*. No ano de 2013, serão analisadas as edições de dos dias 19 e 26 de junho e do dia 3 de julho. Já em 2014, foram selecionadas as publicações do dia 19 de fevereiro e do dia 12 de março<sup>45</sup>.

A primeira publicação da Veja sobre as manifestações aconteceu no dia 19 de junho, momento no qual as manifestações já tinham ganhado grande dimensão. A manchete estampada na capa diz “A revolta dos jovens” e o subtítulo está escrito em forma de pergunta “Depois do preço das passagens, a vez da corrupção e da criminalidade?”. A imagem escolhida foi a de um ponto de ônibus pichado com os dizeres “Contra o aumento”. Objetos não identificados estão pegando fogo na fotografia.

Essa capa faz referência a um momento anterior ao introduzir uma questão no subtítulo. Os jovens que antes se revoltaram contra o aumento do preço das passagens de ônibus agora estão criticando também a corrupção e a criminalidade. A revista parte do pressuposto de que existe um conhecimento prévio sobre o assunto, já que o tema estava amplamente difundido na sociedade por outros meios de comunicação. O fogo se destaca

---

<sup>45</sup> Revistas disponíveis em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/> Acessado em: 22/04/2014

na imagem, conferindo um tom de rebeldia juvenil se associado aos outros elementos, como a palavra “revolta” e a pichação em vermelho no ponto de ônibus.

Uma introdução à matéria principal foi feita utilizando a seção “Carta ao leitor”, parte da revista na qual os editores expõem opiniões sobre algum assunto selecionado, com o título “Eles querem dizer alguma coisa”. O termo “alguma coisa” significa algo vago, não bem definido e, portanto, é possível interpretar que a revista considera as manifestações sem reivindicações claras, posicionamento que se evidencia com a continuidade do texto.

O texto de uma página coloca a opinião da revista de forma clara utilizando adjetivos, advérbios e verbos específicos. A primeira frase do texto já é bastante expressiva: “Uma reportagem especial desta edição se dispõe a explicar o que querem os jovens brasileiros que estão vandalizando as ruas a pretexto de lutar contra o aumento de 20 centavos nas passagens urbanas”. Há aqui uma genérica definição dos manifestantes como vândalos que estão utilizando um acontecimento sem real importância para promover a violência nas ruas.

No segundo e terceiro parágrafos há uma tentativa de dizer que existe outro motivo para os protestos, mascarado pela luta contra o aumento das passagens. Utiliza-se o argumento de que muitos dos jovens são de classe social alta e nem se quer pegam ônibus. O texto é finalizado reforçando que a revista detém a verdade e vai desvendar na reportagem os reais motivos que levaram essas pessoas às ruas. Além disso, são utilizadas expressões emblemáticas com o intuito de desmoralização como “surtos de indignação da juventude”, “cartazes com dizeres desconexos”, “palavras de ordem utópicas”, “frustrações extravasadas violentamente”, “sobra força e falta sabedoria”.

A matéria especial tem como título “A razão de tanta fúria”. Na fotografia, que ocupa duas páginas, estão manifestantes pacíficos em frente ao teatro municipal de São Paulo. A legenda ressalta que esse protesto retratado foi o que produziu o maior número de detidos em confronto com a polícia desde o regime militar.

No segundo parágrafo da reportagem há um posicionamento político explícito ao definir quem está promovendo a violência nas ruas:

As minorias que participam do quebra-quebra são os suspeitos de sempre: militantes de partidos de extrema esquerda (PSTU, PSOL, PCO e PC do B), militantes radicais de partidos de centro-esquerda (PT e PMDB),



punks e desocupados de outras denominações tribais urbanas, sempre pré-dispostos a driblar o tédio burguês aderindo a algum protesto violento.<sup>46</sup>

A matéria não se diz espantada com essa minoria que está vandalizando às ruas e sim com quem se juntou a ela: “milhares de rapazes e moças que tinham tudo para estar no cinema, no shopping ou na balada, e não engrossando as fileiras das minorias de vândalos profissionais”. Mais uma vez é utilizado o argumento de que quem tem dinheiro não tem do que reclamar. Fica evidente um posicionamento individualista - caso a sua própria situação seja boa, não há porque se preocupar com o problema dos outros.

A conclusão da reportagem sobre a pergunta que ela mesma se propõe a responder – sobre os motivos que levaram essas pessoas a protestarem – é vaga. Não há uma luta por direitos específicos e sim uma rebeldia que é comparada a uma doença: “E qual seria a doença brasileira que se manifesta através dos jovens nas ruas?”. A resposta é que são várias moléstias e a principal seria “ausência de partidos e programas que empolguem legitimamente os jovens”. Logo depois é colocada a proposição de que o saudável é tentar consertar alguma coisa pela prática política e pelo voto, mesmo sabendo que o mundo nunca é perfeito. Aqui está implícita a visão de que só existe essa via de mudança.

A reportagem especial é toda permeada por imagens que traçam perfis dos manifestantes. A fala de uma estudante de *Design* destaca que a questão é mais profunda do que o aumento das passagens, concordando com outra que afirma ser uma causa de todos, não só dos que andam de ônibus. Já em outra imagem a renda de 5.000 reais mensais de uma das manifestantes é citada e o fato dela não andar de ônibus e estar na manifestação porque amigos há convidaram tem destaque.

A segunda edição sobre as manifestações foi publicada logo na semana seguinte, dia 26 de junho de 2013. A capa, dessa vez, não inclui nada além das manifestações. Acima do nome da revista está escrito “Edição histórica”. A manchete “Os setes dias que mudaram o Brasil”, junto com a foto, uma mulher de costas carregando a bandeira do Brasil com fogo ao fundo, causam impacto e curiosidade. A cor de fundo, que varia do laranja para o vermelho, semelhante à edição anterior, dessa vez é quebrada com as cores da bandeira brasileira que se destaca em primeiro plano.

---

<sup>46</sup> Revista Veja edição 2326 - ano 46 - número 25.

A seção “Carta ao leitor”, mais uma vez, faz uma prévia da reportagem com o título “Sem medo de novo”. Os manifestantes não são mais chamados de vândalos e agora o foco se direciona para a crítica ao governo. A insatisfação é definida como “muito mais profunda e generalizada do que qualquer um poderia prever”. Mais uma vez os partidos de esquerda são criticados, dessa vez com um enfoque mais específico: o PT. A reportagem diz que houve um “choque realmente perturbador” para eles “que se consideravam os donos da rua”. O afastamento de sindicalistas da CUT de uma manifestação é enfatizado, afirmando que por ordem do ex-presidente Lula o grupo quis se passar por manifestantes.

A conclusão do texto diz que “os brasileiros que estão indo às ruas não admitem mais ser usados como massa de manobra por partidos e políticos profissionais”. Muito diferente do que aconteceu na primeira edição analisada, na qual as reivindicações foram tratadas como algo vago e sem rumo, além de serem desmoralizadas, agora se afirma que “o imperativo é ouvir as ruas e esperar que essa energia pura seja canalizada para a construção de instituições mais representativas dos anseios populares legítimos”. Há uma utilização dos protestos para criticar o atual governo.

A reportagem especial dessa vez contém várias matérias inseridas, totalizando 28 páginas. Quatro imagens grandes, de página dupla, dão início à seção, permeadas por dizeres incompletos que vão fazendo sentido ao longo das páginas – “Os sete dias que mudaram o Brasil”, “A história em movimento” e “O poder acuado”. A primeira fotografia é de Brasília, quando manifestantes entraram no Palácio do Itamaraty. O texto sobreposto à imagem fala da grandeza das manifestações utilizando palavras como “assustadora”, “apaixonante”, “histórica noite”. Além disso, foi feita uma comparação com as Diretas Já<sup>47</sup> e o Fora Collor<sup>48</sup>. Há uma exaltação do movimento, que não aconteceu na primeira edição analisada. Os jovens baderneiros e violentos passaram a ser protagonistas de um momento histórico de transformação do Brasil.

A segunda fotografia mostra a Avenida Presidente Vargas, a principal do centro do Rio de Janeiro, completamente tomada por manifestantes. O texto se inicia com uma frase impactante de Lênin: “Podem-se passar décadas sem que nada mude, mas uma semana

---

<sup>48</sup> Fora Collor foi um movimento político ocorrido em 1992 onde milhares de pessoas foram às ruas pedir a saída do então Presidente da República Fernando Collor de Mello. O principal motivo foi a revelação de um esquema de corrupção, mas também o congelamento das contas bancárias e a alta inflação que acontecia na época. O mandato do presidente foi impugnado.

pode concentrar décadas de mudanças”. A página se dedica toda a críticas ao Partido dos Trabalhadores (PT), assim como a primeira matéria inteira, que segue com críticas ao governo e à esquerda, com comparações à corrupção do Governo Fernando Collor de Mello que o derrubou da presidência. “Petistas apanharam na multidão, tiveram suas bandeiras queimadas, foram escorraçados e xingados de oportunistas. O PT perdeu as ruas”.

Diferente do que aconteceu na edição publicada uma semana antes, na qual o foco da reportagem estava na violência nas ruas, a revista agora pede para que “Esqueçamos os vândalos e os anarquistas, gente que não estava lutando por um governo melhor, mas por governo nenhum”. Em tom de euforia completa dizendo que “A verdadeira revolução foi a que começou a ser feita pelos brasileiros que foram às ruas protestar por estar sendo mal governados”. Se antes havia uma generalização do perfil dos manifestantes, reduzindo-os à violência, há nessa publicação uma tentativa de fazer o contrário, separar os brasileiros que estão lutando por melhorias de verdade e a minoria de “vândalos e anarquistas”.

Mais uma vez imagens dos manifestantes permeiam toda a reportagem especial, com falas entre aspas logo abaixo. O assunto mais citado é a corrupção. Dessa vez, a grande maioria não utiliza máscaras, diferente da primeira edição, onde acontecia o contrário. Além disso, a expressão facial deles é leve, com muitos sorrisos. Alguns têm o rosto pintado de verde e amarelo, fazendo referência ao movimento dos caras pintadas. Atores e personalidades também estão entre os fotografados.

A penúltima matéria tem o título de “Organizadores do Caos” e busca fazer um perfil dos que estão promovendo a violência. Segundo a revista, “são os anarquistas que incitam ao quebra-quebra”. Logo no início é feita uma descrição: “Seis homens e mulheres com roupas pretas, botas de 300 reais e o rosto coberto por balaclava reuniram-se sob o estandarte vermelho e negro do anarquismo, empunhado por um deles”.

Segundo a matéria, foi identificado o mesmo padrão de ação em outras cidades, como Fortaleza e Rio de Janeiro. Nesse momento surge o termo *Black bloc*, muito utilizado adiante.

A tática de acender a fagulha do vandalismo e depois se retirar ou se misturar à multidão pacífica é conhecida como *Black bloc* (bloco negro, em inglês), e foi aperfeiçoada nos anos 90 por anarquistas europeus. O que vale para os integrantes do *Black bloc* é empurrar as massas para o comportamento irracional, mas eles próprios fazem isso de maneira

calculada, descrita em manuais e combinada de antemão em reuniões restritas ou pela internet.<sup>49</sup>

A terceira edição da *Veja* sobre as manifestações tem uma transformação nas cores da capa. O fogo deixa de ser protagonista e o azul do céu ocupa grande parte da imagem. Uma montagem do Congresso Nacional a beira de um abismo empurrado pelos manifestantes se relaciona com a manchete “Então é no grito?”. É possível interpretar, relacionando também com a edição anterior em que houve muitas críticas à Dilma, que os protestos são vistos como se tivessem força para derrubar o governo. No entanto, o subtítulo vai contra a visão anarquista, afirmando que “as ruas não podem substituir as instituições”, defendendo, dessa forma, uma mudança dentro do modelo vigente.

Apesar de criticar nas entrelinhas o anarquismo, como no exemplo citado acima, essa edição não se dedica especificamente a falar em nenhum momento dos *Black blocs* ou de jovens violentos. As matérias não estão mais na seção “Especial” e sim em “Brasil” e pretendem mostrar a vitória das manifestações com “a façanha inédita de fazer o Congresso aprovar projetos contra a corrupção, os governos reduzirem tarifas e o Judiciário mandar um político para a cadeia”.

A quarta edição sobre o tema analisado aconteceu só no ano seguinte, em 2014. Dessa vez, com outro foco, pela transformação do contexto. A publicação data de 19 de fevereiro de 2014, momento imediatamente posterior a polêmica relacionando o Deputado Marcelo Freixo e a detonação do rojão que matou o cinegrafista da TV Bandeirantes. A matéria de capa, “Os segredos de Sininho”, se remete especificamente a manifestante Elisa Quadros, conhecida por esse apelido. Segundo o subtítulo, ela é “protetora dos Black blocs” e por isso “chave para descobrir quem financia, arma e treina os vândalos”. A imagem é um *close* do seu rosto com uma expressão séria e a boca aberta, como se estivesse proferindo palavras de ordem.

A matéria principal tem como título “A Fada da baderna” e as primeiras páginas exibem uma imagem dupla, produzida por meio de montagem. No primeiro plano está Sininho e no fundo pessoas mascaradas utilizando pedaços de madeira como escudos. Há um efeito esfumado que proporciona a ideia de conto de fadas, se relacionando ao nome da matéria. O subtítulo faz referência aos últimos episódios de polêmica envolvendo o

---

<sup>49</sup> Revista *Veja* edição 2326 - ano 46 - número 25.

PSOL, de defesa dos *Black blocs* pelo cantor Caetano Veloso e da morte do cinegrafista: “Vistos com benevolência por partidos políticos e deslumbramento por artistas desatinados, os Black blocs têm agora uma morte sobre os ombros. A militante Sininho conhece os bastidores da turma”.

A primeira parte da reportagem diz que os *Black Blocs* “já chegaram de máscara e marreta em punho” e mesmo assim Marcelo Freixo teria sido benevolente com o grupo ao declarar que “vários movimentos têm vários métodos distintos. Eu não sou juiz para ficar avaliando os métodos em si”. Caetano Veloso é chamado de deslumbrado ao dizer que “o anarquismo é lindo”. Isso somado à polícia que prendeu apenas um integrante do grupo no Rio de Janeiro é apontado pela revista como causa da morte do cinegrafista Santiago.

A partir dessa tragédia, o grupo é comparado com terroristas. “A máscara libertária dos *black blocs* caiu para revelar o rosto soturno de um grupo que, ao aliar inconsequência a violência e uso de armas letais, se equipara a terroristas”. Três personagens são vistos como fundamentais para revelar “a face mais sinistra dos *black blocs*”: Fábio Raposo, Caio de Souza, ambos envolvidos com a morte de Santiago, e Elisa Quadros. Raposo e Souza são definidos como “peões do movimento”, enquanto Sininho é “da elite que decide e da ordens”. A militante é vista como “quem faz a ponte entre os black blocs e a parcela da classe política que nutre simpatia pelo grupo”. Os nomes de Renato Cinco e Jefferson Moura, ambos do PSOL, são citados. A vida pessoal de Elisa Quadros, definida como “articulada”, é destrinchada pela matéria:

Gaúcha, filha de petistas com quem não se dá (“Continuam no PT, pois deve acreditar que tem esperança, mas eu não tenho nada a ver com a decisão deles”), até o meio do ano passado fazia trabalhos esporádicos em uma produtora de vídeos. Vivia em um apartamento com poucos móveis e paredes cobertas de discos de vinil, recebia amigos para festinhas (animadas a MPB, cerveja e baseados) e passeava na cidade com uma bicicleta modelo retrô.<sup>50</sup>

O último parágrafo deixa uma mensagem explícita sobre a visão da revista a respeito dos *Black blocs*: “Que a tragédia sirva para lembrar que os *Black blocs* não são uma causa a ser defendida, mas um bando a ser combatido. E que a violência que praticam não tem nada de simbólica. Mata”.

---

<sup>50</sup> Revista Veja edição 2361 – ano 47 – número 8.

Na quinta e última edição da Revista Veja é anunciada uma reportagem exclusiva sobre “As ameaças à Copa”. Os *Black Blocks* são vistos como uma delas. A imagem mostra as lentes de um binóculo, dentro de cada uma delas estão fotografias de um ônibus sendo queimado e de uma manifestação contra a Copa do Mundo.

Segundo a matéria principal, cuja foto é de um homem mascarado atirando um coquetel molotov, os *Black blocs* são vistos pelo serviço de inteligência do governo como capazes de atrapalhar ou até impedir a realização do evento esportivo. Uma foto do documento da agência brasileira de inteligência, com partes destacadas em amarelo, coloca como um das fontes de ameaça os denominados “grupos de pressão”. A arte feita pela revista explica quem seriam esses grupos: *Black blocs* e o Comitê Popular dos Atingidos pela Copa. O potencial é considerado alto já que as manifestações foram convocadas três meses antes da competição.

### **3.2 O discurso da revista Carta Capital**

A revista Carta Capital publicou quatro edições que interessam para esse estudo. Em 2013, três capas se remetem às manifestações ou aos Black blocs, são elas: 24 de Junho, 1 de Julho e 5 de Agosto. Já em 2014 apenas a revista do dia 27 de Janeiro será analisada.<sup>51</sup>

A primeira edição, do dia 24 de Junho, aconteceu na mesma semana em que a revista Veja publicou sua segunda capa sobre o tema. A manchete da Carta Capital diz “Parem de subestimar o povo. Ninguém controla a rua”. No subtítulo “As tentativas até agora fracassadas de manipular os protestos”. A imagem é uma montagem virtual de um homem segurando um cartaz nas cores azul e vermelho.

Na reportagem em si o título diz “Muito além dos centavos”, remetendo-se a uma das frases utilizadas pelos próprios manifestantes. A foto em destaque mostra uma menina sorrindo, com bandeiras do Brasil e o rosto pintado com duas faixas verdes e amarelas. O primeiro

---

<sup>51</sup> Todas as edições podem ser encontradas online em <http://www.cartacapital.com.br/revista/> acessado em 05/05/2014

parágrafo começa qualificando as manifestações como “um movimento social confuso e errático”. Logo em seguida, há uma crítica a falta de liderança.

No terceiro parágrafo, há uma menção “a preocupação intensa, bem visível, em ligar as análises das marchas realizadas nas principais capitais brasileiras com as vaias à presidenta Dilma Rousseff na abertura da Copa das Confederações, em Brasília.

A mídia conservadora sobrevoa o assunto, como urubu sobrevoa carniça, e se encarrega de estimular os jovens com a bandeira, em frangalhos, da marcha pacífica”. É feito então um histórico de outras manifestações de rua que aconteceram no Brasil ao longo do século XX para reforçar a afirmação da revista de que esses acontecimentos são comuns à democracia e colocar uma nova questão:

Em todos esses movimentos, porém, a política era o guia. Esse fator não aparece claramente agora. Os manifestantes combatem politicamente com a suposição de que não fazem política. Logo, logo, no entanto, vão descobrir que, politicamente, estão a favor de alguém ou contra alguma coisa.<sup>52</sup>

Se essa edição for comparada à da revista Veja, impressa na mesma semana, é possível ver diferenças de abordagem do mesmo assunto. Enquanto a Veja coloca os protestos em um patamar de um grande acontecimento que vai ficar marcado na história do Brasil, fazendo diversas matérias sobre o tema. A Carta Capital trata o protesto com normalidade, como mais um dos muitos que já aconteceram e ainda vão ocorrer dentro de uma democracia.

Além dessas diferentes dimensões dadas ao assunto como um todo, em relação a violência não há destaque nenhum na Carta Capital. A revista apenas menciona que protestos violentos ou não afetam o governo da mesma forma e não fala mais sobre o assunto. Enquanto na Veja, apesar da abordagem se modificar da primeira para a segunda edição analisada, com uma perceptível mudança do foco das depredações, na primeira edição, para críticas ao governo, na segunda edição, há uma matéria que fala exclusivamente sobre os Black Blocs. O termo ainda não aparece na Carta Capital nesse momento.

---

<sup>52</sup> Revista Carta Capital <http://www.cartacapital.com.br/revista/754/muito-alem-dos-centavos-9851.html> acessado em 05/05/2014

A segunda capa, do dia 1 de julho de 2013, exhibe um fósforo aceso com os dizeres “O Brasil entre a faguha e a fumaça”. Não existe nessa edição uma menção direta ao tema das manifestações ou Back Blocs, no entanto, pela conjuntura vivida no momento é possível fazer uma interpretação de que se refere à conturbação política e social decorrente dos protestos.

“A maioria do povo”, diz o título da reportagem, com o subtítulo de “Sem mudanças, a voz das ruas voltará a ecoar”. A frase principal é sugestiva e por si só não contém seu sentido completo. No terceiro parágrafo é possível entender o significado: “O povo não foi mobilizado por líderes ou partidos políticos. Rompeu amarras e decidiu influir. Nesse ponto atingiu a maioria”. Mais uma vez, assim como na edição anterior, a questão da liderança é colocada. Entretanto, se na primeira revista analisada havia um tom irônico dizendo que se o movimento não tinha líderes não seria possível fazer o que deveria ser feito, nessa publicação há uma exaltação da falta dessa liderança, como se agora o povo pudesse andar com as próprias pernas.

O quarto parágrafo chama atenção pelo tom da última frase, que coloca uma pergunta cuja resposta já está induzida por todo o resto do parágrafo. Além disso, as outras frases em si próprias contêm um vocabulário informal que propicia ao leitor a sensação de diálogo com o texto:

Os governantes, de alto a baixo, temeram. A polícia, fiel à origem de surrar o povo inquieto, baixou o pau. Foi forçada, porém, a recuar e aposentar até mesmo as balas de borracha. Oficialmente, no saldo do conflito, foram presas, em todo o País, quase mil pessoas. Seriam todos arruaceiros?<sup>53</sup>

Logo após esse trecho, assim como no início do texto, há uma discussão sobre a assembleia constituinte proposta pela Presidente Dilma Roussef, que segunda a revista, foi “tocada pelas cenas transmitidas para o Brasil e para o mundo, “juntou-se” ao movimento”. Segue-se uma discussão sobre diferentes pontos de vista em relação à constituinte. O texto termina dizendo que uma vontade de mudanças profundas distantes de um processo político “fraudulento e viciado” são o guia dessas multidões que estão protestando e sem mudanças

---

<sup>53</sup> Revista Carta Capital disponível em <http://www.cartacapital.com.br/revista/755/a-maioridade-do-povo-7725.html> acessado em 06/05/2014



profundas, pode não ser nesse momento, onde acontece um abafamento da situação, mas essas pessoas voltarão às ruas.

A violência e os Black Blocks continuam não tendo destaque algum, sendo apenas mencionado a quantidade de presos durante os vários dias de protestos e a violência policial.

A terceira publicação, do dia 5 de Agosto de 2013 confere aos Black Blocs o destaque que não lhes foi dado antes: a capa. Um rosto coberto com um pano preto exhibe só um olhar de uma pessoa cujo sexo não é possível determinar. A manchete coloca “Black Blocs” com letras bem grandes, que se diferenciam do tamanho da fonte das outras edições da revista e por isso chamam atenção. Logo abaixo em letras menores está escrito “Depredação nas ruas”, conferindo uma relação direta e imediata entre o grupo e a ação.

A reportagem define os Black Blocks logo no subtítulo da reportagem como “Nem grupo nem movimento, essa tática de guerrilha urbana anticapitalista pegou carona nos protestos atuais”. O primeiro parágrafo utiliza a mesma estratégia da revista *Veja* ao introduzir o tema: descreve uma cena. Em apenas algumas linhas fica evidente um embate com a propriedade privada pela depredação de um carro de luxo e de uma agência bancária.

Com um martelo em punho, uma jovem de rosto coberto vestida de preto tenta destruir um Chevrolet Camaro (de 200 mil reais) em uma concessionária na Avenida Rebouças, São Paulo. Outros trajados da mesma forma, paus e pedras nas mãos, estilhaçam a parede de vidro de uma agência bancária. Uma faixa pede a saída do governador Geraldo Alckmin – o A do nome traz o símbolo de anarquia.<sup>54</sup>

O texto subsequente propõe uma abordagem diferente sobre o assunto, criticando a forma que a imprensa nacional definiu os *Black Blocs*, considerada pela revista como simplista diante de um fenômeno complexo – “a minoria baderneira em meio a protestos que começaram pacíficos e ordeiros”. A visão é de que “ignorá-los não resolve a questão” e por isso há uma proposta de um entendimento mais profundo sobre esses acontecimentos que se espalharam pelo país.

No parágrafo seguinte há uma fala de um dos participantes dos *Black Blocs* que diz que os atos não são de violência por não serem contra pessoas e sim performances contra

---

<sup>54</sup> Revista Carta Capital disponível em <http://www.cartacapital.com.br/revista/760/o-black-bloc-esta-na-rua-7083.html> acessada em 06/05/2014

símbolos da sociedade. Diferente do que acontece na revista *Veja*, que reafirma várias vezes serem atos de violência e depredação, aqui a Carta Capital abre espaço para uma visão diferente.

A visão de um professor da USP, Pablo Ortellado, também é exposta. Em seu discurso, ele faz um histórico dos *Black Blocs*. Segundo ele, a tática surgiu na Alemanha nos anos 80 com a função de isolar manifestantes e polícia e passou a utilizar a violência em um protesto em Seattle, nos Estados Unidos, em 1999. No Brasil, ainda na opinião do pesquisador, aconteceram os dois momentos e o que sobrou foi o “ataque simbólico a grandes corporações, de espetáculo midiático”.

A revista afirma que o grupo tirou proveito dos protestos inicialmente organizados por entidades, como no caso do Movimento do Passe Livre, para depois agirem sozinhos. Pela conjuntura de Copa do Mundo e Olimpíada, com “seus espaços delimitados, gastos controversos e simbologias fartas”, o texto considera que há uma tendência desses episódios aumentarem ainda mais.

A reportagem também destaca a utilização de um “arcabouço teórico e prático” que tem o objetivo de orientar os que desejam utilizar a tática. Há um manifesto e um manual, que ensinam, por exemplo, como utilizar escudos, como lidar com animais, primeiros socorros e o que fazer caso você seja preso.

Utilizando a fala do professor Saul Newman, de teoria política da Goldsmiths University, de Londres, a revista faz a afirmação de que o potencial político do grupo está sendo subestimado: “Ainda que os *Black Blocs* representem uma minoria no movimento anarquista, são um importante símbolo da emergência de novas formas de políticas antiautoritárias. Seus rostos cobertos se tornaram a imagem do ativismo radical contemporâneo.”

Apesar do apontamento de visões a favor da tática dos *Black Blocs* como uma alternativa às formas de protesto atuais, o texto termina com Derrick Jensen, descrito pela revista como “a voz mais crítica contra a tática”. Segundo Jensen “para quem busca alcançar conquistas sociais concretas, a tática é um desserviço. Atos gratuitos de destruição com espírito de carnaval não vão arranhar o capitalismo. É preciso estratégia, objetivos. E certa ética”.

Com diferentes vozes no texto, essa edição da revista Carta Capital é capaz de dar ao leitor um entendimento mais complexo sem enquadrar os *Black Blocs* em um único e fixo estereótipo. Não fica evidente, dessa forma, o posicionamento da revista sobre os acontecimentos envolvendo o grupo. O mesmo não acontece nas edições da revista Veja analisadas anteriormente que se colocam claramente contra as depredações sem proporcionar ao leitor um olhar alternativo.

A última edição analisada, do dia 27 de janeiro de 2014, tem na capa um carro pegando fogo com um homem se protegendo das chamas. A manchete diz: “Quem pretende parar o Brasil em 2014?”. A reportagem tem o mesmo título já exposto na capa e a reposta para a pergunta colocada vem logo abaixo: “Movimentos sociais que partem de premissas corretas, ladeados por anarquistas, black blocs e os reacionários de sempre, integram a fauna diversa e barulhenta que promete agitar as ruas no Mundial”.

Em 2014 o foco passa a ser o Mundial que está marcado para o mês de junho do mesmo ano, da mesma forma que aconteceu na revista Veja. A reportagem coloca como preocupação da Presidente Dilma Rousseff garantir a paz no evento esportivo. Há, durante todo o texto, uma descrição das manifestações contra a Copa do mundo e das suas motivações. As depredações feitas pelos Black Blocs geram tensão e prometem ser combatidas pelas forças do Estado. Por outro lado, essa repressão violenta é tida como preocupante para todos os grupos de manifestantes. Não acontece nessa publicação nenhuma nova caracterização sobre os *Black Blocs*, que parecem já ter sido suficientemente explorados no ano anterior.

### **3.3 O discurso da revista Isto é**

A revista Istoé, assim como a Carta Capital, publicou quatro edições pertinentes a essa análise. No entanto, a diferença é que todas são do ano de 2013. As publicações aconteceram nas seguintes datas: 19 de junho, 21 de junho, 03 de julho e 29 de novembro<sup>55</sup>.

A primeira edição, do dia 19 de junho, traz na capa a foto de uma manifestante sendo agredida com um cassete por um policial com a manchete “Nada justifica a volta

---

<sup>55</sup> Todas as revistas podem ser encontradas em <http://www.istoe.com.br/revista/edicoes-anteriores/> acessado em 07/05/2014

da repressão” que tem como subtítulo “Os movimentos sociais renascem em todo o país e são respondidos à bala por uma polícia despreparada”.

A reportagem referente à capa tem como título “Do sonho ao vandalismo e à brutalidade” e subtítulo “Manifestantes de movimentos sociais voltam às ruas das grandes capitais e são reprimidos com uma truculência injustificável e desproporcional, que não é vista desde os tempos da ditadura”. A primeira imagem que se destaca é a de um grupo de uns dez policiais com a arma apontada para um manifestante ajoelhado com os braços para o alto.

O primeiro parágrafo exalta a mobilização social como um exemplo de cidadania e critica a “situação hostil, assustadora e perigosa” que surgiu após quatro dias de protestos. O foco está na retomada de uma repressão não vista desde os tempos da ditadura militar no Brasil, com destaque para um jornalista atingido por uma bala de borracha.

No texto subsequente há uma descrição da confusão que aconteceu no dia anterior ao episódio de violência da polícia. A sucessão de atos “condenáveis” é atribuída a “baderneiros mascarados”. Para evitar novos episódios como o desse dia, manifestantes acordaram seguir um trajeto autorizado pelas autoridades no dia seguinte. No entanto, no final do ato decidiram ir além e foi nesse momento que a polícia abusou de sua força, como descreve a reportagem detalhadamente.

Após explicar o que é o Movimento Passe Livre, suas ideias e intenções com as mobilizações, o texto diz que “em público ou em conversas reservadas, os militantes do MPL condenam atos de vandalismo” para então definir quem são os praticantes dos atos violentos:

Os episódios de vandalismo que acompanham os protestos envolvem pessoas de outra origem, que trafegam um universo no qual a violência é um culto permanente, embora possa ser empregada de formas variadas. Ora pode ser um caminho para um acerto de contas entre turmas rivais, ora pode até apresentar um conteúdo político. São os chamados anarco-punks, um tipo de ativismo nascido nos bairros operários que enfrentavam as medidas de austeridade de Margareth Thatcher nos anos 1980, e que se tornou moda no Brasil uma década depois. Em dias normais, o esporte predileto dos anarco-punks é trocar pauladas com os skin-heads, inimigos irredutíveis e violentos. Em dias de mobilização política, como aconteceu em São Paulo por esses dias, comandam o quebra-quebra.<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup>

Revista Istoé disponível em [http://www.istoe.com.br/reportagens/307104\\_DO+SONHO+AO+VANDALISMO+E+A+BRUTALIDADE](http://www.istoe.com.br/reportagens/307104_DO+SONHO+AO+VANDALISMO+E+A+BRUTALIDADE) acessado em 07/05/2014

A reportagem segue com uma descrição de outras cidades nas quais o grupo de “anarco-punks” apareceu durante os protestos, citando um caso antigo, de dois anos atrás, onde eles “fizeram sua aparição à frente de uma sequência de atos selvagens em Teresina, no Piauí. Escondiam o rosto com capuz e se apresentavam como militantes de certo “Movimento Anticapitalista”.

As palavras escolhidas para falar desse grupo indicam uma tentativa de animalização e condenação dos atos praticados por eles. É possível destacar algumas expressões mais marcantes: “pessoas de outra origem”, “atos selvagens”, “comandam o quebra-quebra”, “o esporte predileto dos anarco-punks é trocar pauladas com os skin-heads”.

A edição seguinte foi publicada no dia 21 de junho de 2013. A manchete diz “Hoje você é quem manda”, com as letras em vermelho, fazendo referência à música de Chico Buarque que foi escrita durante o período da ditadura militar (“Apesar de você”<sup>57</sup>). Uma montagem em preto e branco de manifestantes com cartazes serve de pano de fundo.

A reportagem principal tem como título “Apesar de vocês” e continua referenciando a mesma música da capa. No subtítulo há uma resposta de quem seriam “vocês”: “Oportunistas, baderneiros e ladrões se infiltram no legítimo movimento para tirar vantagens ilícitas. Devem ser contidos”.

O primeiro parágrafo alega que a “imensa maioria” dos manifestantes eram pacíficos, no entanto, “bandos pequenos, dispostos a promover a quebraadeira e o vandalismo” se infiltraram. Os últimos episódios de violência que aconteceram no Palácio de Itamaraty em Brasília, ganharam destaque, assim como a contabilização dos feridos e dos prejuízos no Rio de Janeiro e em São Paulo. As imagens reforçam o texto, com fotos de fogo no Itamaraty e da tentativa de invasão do Palácio dos Bandeirantes em São Paulo.

O texto segue comentando a aceitação das manifestações pela população depois da forte repressão policial. No entanto, considera que:

Nenhuma cidade brasileira irá aceitar a ação de grupos interessados apenas em instaurar a balbúrdia e espalhar o caos. A sociedade civilizada

---

<sup>57</sup> A música com o nome “Apesar de você”, de Chico Buarque utiliza metáforas para criticar a Ditadura Militar, fazendo referência a dias melhores que virão com o fim da Ditadura.

não permite isso. E incendiar ônibus e quebrar estações de metrô não interessa a quem efetivamente depende do transporte público.<sup>58</sup>

Assim como na edição anterior, esses grupos são contrapostos à “sociedade civilizada” reafirmando a tese já exposta de que a revista os coloca na posição de selvagens. Nesse momento, os “vândalos” não são mais somente os “anarco-punks” e sim um grupo difuso composto por aproveitadores - “de anarquistas a ladrões” - que devem se separados da “massa pacífica”.

A reportagem termina com um perfil dos envolvidos nas manifestações criado com a utilização de com expressões sérias, todas expostas em um mesmo fundo laranja. “A mãe engajada”, “a filha apartidária”, “a experiência da maturidade” e “a esperança de um futuro” são legendas de fotos de uma mulher, uma jovem, uma idosa e uma criança, respectivamente. “A defesa” caracteriza um policial com um cassetete na mão. Por fim, “ataque” é o substantivo escolhido para descrever um “estudante de arquitetura com muita fúria” que “quebrou vidros da prefeitura, atirou grades contra a porta do prédio e chamou a guarda civil para a briga”.

A terceira edição, do dia 3 de julho de 2013, traz na capa a bandeira do Brasil em um fundo vermelho com a manchete “Você mandou e o poder se mexeu”. A reportagem começa destacando a grandeza dos gastos definidos para a saúde e educação após o “terremoto político”, valor que segundo a revista só costuma acontecer depois de grandes catástrofes e situações de guerra.

O texto prossegue dando destaque para a atitude da Presidente Dilma Rousseff diante do silêncio mantido pelos outros políticos. Utilizando subtítulos durante a matéria, a reforma política, saúde, educação, transporte público e corrupção são os tópicos destacados para apontar as propostas de Dilma. Não há nessa edição destaque aos atos de violência ou ao que a revista caracteriza como “grupo de baderneiros”.

A quarta e última edição analisada, publicada no dia 29 de novembro de 2013, faz um destaque na capa para “O manifestante” como um dos brasileiros do ano. A foto é do rosto de uma mulher pintado com a bandeira do Brasil, com uma expressão séria de quem está gritando palavras de ordem ou comemorando após uma vitória. Os brasileiros do ano

---

<sup>58</sup> Revista Istoé disponível em [http://www.istoe.com.br/revista/indice-de-materias/749\\_E+O+PODER+SE+MEXEU](http://www.istoe.com.br/revista/indice-de-materias/749_E+O+PODER+SE+MEXEU) acessado em 07/05/2014

são pessoas consideradas pela revista Isto é como importantes para o ano que passou, sendo uma exaltação positiva, como uma forma de homenagem por algum feito fundamental.

A matéria, que tem o mesmo título da capa, apresenta no subtítulo as mudanças que já aconteceram “graças à voz das ruas”. Uma montagem destaca 40 manifestantes segurando cartazes, gritando ou sorrindo. Acontece, no primeiro parágrafo, uma exaltação do “clamor dos manifestantes” que “está ajudando a construir um país melhor”.

A diversidade das pessoas que participaram das manifestações no ano de 2013 é considerada pela matéria como excepcional – “gente de todas as ideologias (até os que não têm nenhuma), de diferentes classes sociais e de variadas gerações”. Os perfis de três delas – uma psicóloga de 44 anos, uma estudante de 21 anos e uma aposentada de 82 anos – são utilizados para demonstrar essa tese.

O texto segue destacando os motivos que fazem da manifestação vitoriosa. A PEC 37 e a verba para saúde e educação são os exemplos colocados. Além disso, a revista considera que “os poderosos entenderam o recado: as ruas não poderão novamente ser desprezadas”.

O último parágrafo relembra os episódios de violência dizendo que “os manifestantes tiveram a sabedoria de frear os protestos quando eles degeneraram para a insanidade da violência”. Acontece, mais uma vez, a separação das “pessoas de bem” e dos que “estavam ali para dar vazão a atos criminosos”.

## 4. A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA OPINIÃO PÚBLICA

Este capítulo tem a intenção de fazer uma revisão teórica sobre capacidade de influência da mídia na sociedade, tema recorrente dos estudos dentro da área de comunicação social, com diversas vertentes ao longo da história. Será feita uma breve abordagem das primeiras teorias sobre o tema, passando pela teoria hipodérmica, a teoria da persuasão e a teoria dos efeitos limitados, com o objetivo de expor uma contextualização.

Em seguida, a teoria do agendamento (ou *agenda-setting*) será relacionada com o estudo empírico feito no capítulo anterior, buscando possibilidades de compreensão dos efeitos presentes e futuros do discurso da mídia sobre os *Black Blocs*. Como já mencionado anteriormente, pelo fato ser muito recente, há apenas a intenção de construir hipóteses a respeito desses efeitos.

### 4.1 As primeiras teorias

A primeira teoria relevante para esse estudo é chamada de hipodérmica, cuja denominação remete a sua própria definição: uma agulha que penetra sem dificuldades uma camada de pele. Essa metáfora se refere à passividade com que a massa recebe os estímulos enviados pelos meios de comunicação de massa. Assim como o outro termo utilizado para dar nome a ela, teoria da Bala Mágica, tem o mesmo sentido, faz alusão a uma bala, disparada por uma arma de fogo, penetrando com facilidade na pele.

Seu contexto de surgimento contribui para compreender melhor a teoria hipodérmica: o período entre guerras na Europa. As experiências relacionadas ao totalitarismo e o surgimento do fenômeno da comunicação de massa são os principais elementos que permeiam essas primeiras pesquisas. Embora essa teoria seja mais voltada para o estudo da propaganda, que não é o objeto desse trabalho, é importante citá-la para embasar o que surgiu depois.

A conceituação de sociedade de massa é o primeiro ponto fundamental da teoria hipodérmica. Apesar das múltiplas e distintas definições ao longo da história, algumas características podem ser ressaltadas. Segundo Mauro Wolf (1985, p 20), a explicação de



que as massas são uma nova forma de organização social é muito importante porque destaca o elemento primordial da teoria hipodérmica: “o fato dos indivíduos estarem isolados, serem anônimos, estarem separados, atomizados”.

Esse isolamento somado a uma desintegração dos laços comunitários, resultando em uma comunicação impessoal, torna a audiência passiva e indefesa. Dessa forma, está explicado o destaque que a teoria hipodérmica confere a capacidade de manipulação dos primeiros meios de comunicação. Como explicita Wolf (1985), basta, portanto, que as mensagens de propaganda consigam atingir as massas para alcançarem a persuasão e consequentemente o objetivo estabelecido.

Armand e Michèle Mattelart (1999, p 25), ao descreverem a psicologia das massas, dizem que “em toda multidão, há condutores e conduzidos, hipnotizados e hipnotizadores. Só a sugestão explica como os segundos passam a seguir cegamente os primeiros”. A partir dessa definição também é possível fazer uma relação com a teoria hipodérmica, sendo os condutores os meios de comunicação de massa e os conduzidos, a massa propriamente dita.

A teoria hipodérmica tem um modelo comunicativo baseado na psicologia behaviorista. Na relação entre o organismo e o ambiente, o comportamento poderia ser definido a partir de um sistema de estímulo e resposta, sem haver a possibilidade de que ambos existissem de forma isolada. Como no exemplo já citado em que a propaganda capta a pessoa e assim é capaz de manipulá-la, o meio de comunicação daria o estímulo e a pessoa, a resposta esperada, de uma forma mecânica e instantânea, sem nenhuma interferência ou resistência.

Essa conceituação foi considerada simplista pelas teorias que vieram depois, por não incluir nenhuma capacidade crítica das pessoas, não considerar a complexidade dos estímulos e também ignorar a possibilidade de respostas heterogêneas. Fica perceptível uma generalização, tanto ao enxergar essas pessoas como sendo todas iguais na recepção dos estímulos, como ao considerar todos os meios e mensagens da mesma forma.

Elaborado durante os anos 30, época do ápice da teoria hipodérmica, mas apenas proposto por volta de 1948, o modelo de estudo de Lasswell indicou um caminho para a superação da teoria hipodérmica. Com variáveis bem definidas a partir de perguntas necessárias na descrição de um ato comunicativo – quem diz o quê através de que canal, com que efeito? - foi feita uma ordenação dos objetos na pesquisa de comunicação. Dessa

forma, como explica Mattelart (1999), essa conceituação resulta em diferentes setores de pesquisa: “análise do controle”, “análise do conteúdo”, “análise das mídias ou dos suportes”, “análise das audiências” e “análise dos efeitos”.

A partir de 1940 surge a teoria da persuasão (ou teoria da abordagem empírico-experimental) que complexificava a relação entre emissor, mensagem e destinatário. Agora era considerado necessário estudar os indivíduos e o contexto, dado a evidência de que nem sempre a mensagem provocava o efeito esperado, podendo ter o resultado oposto ao previsto ou até mesmo nulo. A persuasão da audiência passa a ser considerada um objetivo possível, segundo Wolf (1985), se houver adequação entre fatores pessoais ativados pelo destinatário da interpretação da mensagem.

As mensagens dos meios de comunicação contêm características particulares do estímulo que interagem de maneira diferente com os traços específicos da personalidade dos elementos que constituem o público. Desde o momento em que existem diferenças individuais nas características da personalidade dos elementos do público, é natural que se presuma a existência, nos efeitos, de variações correspondentes a essas diferenças individuais. (DE FLEUR, 1970 apud WOLF, 1985)

A teoria dos efeitos limitados (ou abordagem empírica de campo), desenvolvida de forma paralela a anterior e por isso e alguma forma indissociável, vai além da questão da persuasão. Como coloca Wolf, os meios de comunicação são vistos apenas como um componente de um âmbito mais geral das relações sociais.

Se a teoria hipodérmica falava de manipulação ou propaganda, e se a teoria psicológica-experimental tratava de persuasão, esta teoria fala de influência e não apenas da que é exercida pelos mass media, mas da influência mais geral que perpassa nas relações comunitárias e de que a influência das comunicações de massa é só uma componente, uma parte. (WOLF, 1985, p 48)

Essa teoria relaciona os processos de comunicação ao seu contexto social inerente, com duas vertentes distintas. A primeira segundo Wolf (1985), está ligada a heterogeneidade dos públicos e suas diferentes formas de consumir a comunicação de massa. Já a segunda, considerada por ele como mais importante, inclui as pesquisas sobre a

mediação social desse consumo, ou seja, de que forma as relações sociais influenciam na forma como as pessoas recebem as mensagens midiáticas.

#### **4.2 A agenda-setting e o discurso sobre os *Black Blocs***

A teoria do agendamento foi criada na década de 70 por Maxwell McCombs e Donald Shaw nos Estados Unidos. A partir de diversos trabalhos empíricos, eles pretendiam inicialmente demonstrar a relação entre a intensidade da cobertura de um fato pela mídia e a relevância desse mesmo fato para a opinião pública. Dessa forma, buscavam compreender como a agenda da mídia, ou seja, escolhas por noticiar ou não determinados assuntos, era capaz de criar para a sociedade uma relevância diferenciada dos temas em destaque.

O “pai intelectual” dessa ideia, segundo coloca McCombs (2009), é Walter Lippmann, que em 1922 escreveu o livro “Opinião Pública”. A tese proposta por ele é de que a opinião pública não responde ao mundo externo e sim a um “pseudoambiente construído pelos veículos noticiosos”(McCombs, 2009, p 19). Isso se deve principalmente porque não há um envolvimento pessoal do indivíduo com boa parte dos assuntos, dessa forma, o contato acontece via notícia, sendo essa uma das principais fontes de informação. O grau de relevância da mídia para a construção da opinião pública pode variar dependendo da possibilidade de ter uma experiência pessoal sobre o tema, o que inclui não só a vivência propriamente dita como também conversas nos círculos de relacionamento pessoais.

Há, certamente, um número de outras influências significativas que formam as atitudes individuais e da opinião pública. Como nos sentimos sobre determinado tema pode ser decorrência da nossa experiência pessoal, a cultura geral ou da exposição aos *mass media*. Tendências na opinião pública sobre um tema são estabelecidas ao longo do tempo por novas gerações, eventos externos e a mídia. Contudo, a proposição geral referendada por esta evidência acumulada sobre os efeitos do agendamento é que os jornalistas influenciam significativamente as imagens do mundo de suas audiências. (MCCOMBS, 2009, p 42)

O autor faz questão de ressaltar que não há um retorno à teoria hipodérmica porque a audiência não é considerada passiva diante da proposição das mensagens midiáticas. No entanto, o poder de criar uma agenda, para a qual o foco do público está voltado, tem papel central na construção das imagens que cada pessoa tem do mundo e que coletivamente

constituem a opinião pública. Dessa forma, a relevância da mídia poder ser considerada grande, apesar de não ser absoluta na formação da visão de mundo da sociedade.

Para combater críticas que dizem que na verdade os assuntos mais relevantes do momento são noticiados pela mídia e dessa forma o mundo externo que molda tanto a agenda quanto a opinião pública, McCombs utilizou, entre outros artifícios, alguns dados estatísticos que medem a preocupação pública sobre o crime no Texas. Em um dos períodos estudados, muitas pessoas citaram o crime como um dos principais problemas a serem enfrentados. No entanto, esse mesmo período corresponde com a época em que os índices de violência estavam em declínio. Por meio da análise de jornais, McCombs constatou que essa alta se relacionava a saliência dada ao tema pela mídia.

Diante do exposto, é possível sugerir que a construção da imagem dos *Black Blocs* pode acontecer de algumas formas distintas. Para as pessoas que participaram das manifestações e presenciaram ações do grupo, fossem atos de violência ou não, provavelmente há uma prevalência da experiência pessoal. Já para os que não participaram diretamente ou não se depararam com o grupo durante os protestos, a mídia foi mais relevante. Para complexificar ainda mais, os espaços de relacionamento, como o trabalho, a escola ou a universidade, por exemplo, são lugares onde as discussões misturam vivências particulares com o que foi exposto na mídia. Portanto, essa não é uma análise que pode ser feita de forma simplista, indicando categoricamente que o conteúdo apresentado no capítulo anterior será a forma como a sociedade enxergará os *Black Blocs*.

Outra variável fundamental de McCombs (2009) para esse trabalho é o conceito psicológico que contribui para a transferência da agenda da mídia para a agenda da opinião pública. Segundo ele, existe nos indivíduos uma necessidade por orientação definida basicamente por dois conceitos: relevância e incerteza. Se forem relacionados alto grau de relevância e alto grau de incerteza, a necessidade por orientação será alta e consequentemente as pessoas buscarão mais a mídia. Um exemplo é quando surge um assunto novo na pauta.

Os *Black Blocs* se enquadram, portanto, nessa categoria de assuntos cuja necessidade de orientação é alta. Além de ser um tema novo, sob o qual ninguém tem domínio e por isso busca-se uma orientação, ele pode ser enxergado como uma ameaça, por ser associado com episódios de violência, como visto no capítulo anterior. Esse fato foi

descrito em um estudo citado por McCombs (2009), no qual a poluição e a Aids são enxergados pela população como ameaçadores e por isso tem alta relevância.

Para além da questão quantitativa do destaque dado a determinados assuntos, há também o que McCombs define como o “agendamento de segunda dimensão”, no qual ele analisa atributos e enquadramento. Todos os assuntos possuem atributos que podem ser ou não enfatizados por uma reportagem, por exemplo. A sua conclusão é de que assim como a variedade de temas expostos pela mídia de forma mais intensa corresponde aos temas mais salientes nas imagens mentais das pessoas, isso também ocorre quando são considerados os atributos. “É a agenda de atributos que define um assunto e em algumas instâncias inclina a opinião pública na direção de uma perspectiva particular ou de uma solução preferencial”, define McCombs (2009, p 129). Já o enquadramento pode ser considerado mais específico:

Enquadrar é seleccionar algum aspecto de uma realidade percebida e torná-lo mais saliente num texto comunicativo, de tal forma a promover uma definição de um problema particular, interpretação causal, avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito. (ETMAN, 1993 apud MCCOMBS, 2009, p 137)

Dessa forma, é possível observar os atributos e enquadramentos utilizados pelas revistas analisadas. A revista *Veja* utiliza atributos como “violência”, “fúria”, “surto”, “doença”, “caos”, “quebra-quebra”, “vândalos”, “baderna”, “ameaça”, para enquadrar os *Black Blocs* em um perfil claramente negativo, explicitando sua avaliação moral sobre os atos protagonizados por eles. Além disso, há também, na última revista, uma recomendação de tratamento para o item descrito: “Que a tragédia sirva para lembrar que os *Black Blocs* não são uma causa a ser defendida, mas um bando a ser combatido. E que a violência que praticam não tem nada de simbólica. Mata”.<sup>59</sup>

Já a revista *Carta Capital* abre espaço para uma gama diferente de atributos, relacionando os episódios de violência a “ataques simbólicos”. Com uma caracterização tanto dos pontos a favor, quanto dos contra os *Black Blocs*, não acontece um enquadramento explícito como é o caso da *Veja*. Dessa forma, não há um direcionamento claro do olhar do leitor, que possui nesse caso mais elementos a sua disposição para refletir criticamente sobre o assunto.

---

<sup>59</sup> Revista *Veja* edição 2361 – ano 47 – número 8.

Por fim, a revista Isto é, não utiliza o termo *Black Blocs* e os denomina como um “grupo de anarco-punks”. A eles são relacionados atributos como “atos selvagens”, “quebra-quebra”, “oportunistas”, “baderneiros”, “vândalos”, “ataque”, em oposição a atributos concedidos aos manifestantes pacíficos, “pessoas de bem”, “o clamor dos manifestantes”, “a mãe engajada”. Dessa forma, acontecem dois enquadramentos maquiavélicos, que definem o lado bom e o mau das manifestações.

Uma pesquisa realizada pela Datafolha indicou uma rejeição aos *Black Blocs* de 95% da população e uma queda de 89%, para 66%, dos entrevistados a favor das manifestações de rua em São Paulo<sup>60</sup>. O enquadramento feito pela mídia dos *Black Blocs* como vilões é uma das explicações possíveis para essa rejeição, assim como a relação entre os episódios de violência e as próprias manifestações pode explicar a queda na aprovação dos atos.

Outra dimensão do agendamento estuda que não só as opiniões podem ser influenciadas pela mídia, mas também atitudes e comportamentos. De acordo com McCombs (2009, p.199), “a agenda mídia faz muito mais do que influenciar as imagens em nossas cabeças. Muitas vezes a mídia influencia nossas atitudes e opiniões e mesmo o nosso comportamento”. Um exemplo dado pelo autor foi sobre a intensa cobertura noticiosa do crime e da violência no campus de uma universidade na Pensilvânia, que significou uma queda nas matrículas. Outro exemplo se refere a quando são noticiados acidentes e sequestros de aviões, o estudo constatou que a venda de passagens declinou.

Dessa maneira, podemos criar uma hipótese para a crescente queda do número de manifestantes nas ruas, relacionada à alta saliência da violência nas manifestações na mídia. Poderia, além disso, haver uma intencionalidade ao influenciar nesse comportamento de evasão das ruas, já que manifestações não são favoráveis a quem está no poder, haja vista que 2014 é um ano eleitoral.

Em síntese, acredita-se que a obra intitulada “Teoria da Agenda – a mídia e a opinião pública”, de Maxwell McCombs, assim como as teorias apresentadas anteriormente sobre os efeitos da mídia, servem como um importante instrumento para reflexão acerca do discurso da mídia frente aos *Black Blocs*. Apesar da confirmação sobre as hipóteses

---

<sup>60</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/136032-95-desaprovam-black-blocs-diz-datafolha.shtml> acessado em 14/05/2014

levantadas nesse capítulo só poder acontecer com estudos específicos que analisem caso a caso, a compreensão da mídia como um agente social fundamental na construção da opinião e do comportamento social pode ser eficiente na lembrança de que os debates acerca do poder dos meios devem sempre ser reforçados.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se, a partir desse breve estudo, que a mídia tenta exercer influência na construção do imaginário pessoal e coletivo em relação aos *Black Blocs*, enquadrando-os a partir de determinados perfis estereotipados. Além disso, a criação dessa identidade de um grupo novo no contexto brasileiro possui tanto interesses mais amplos, como por exemplo políticos, quanto interesses mais específicos, como a definição de uma moralidade, apresentando as depredações como inaceitáveis.

O contexto das manifestações iniciadas em junho de 2013 no Brasil e o surgimento de um grupo novo – os *Black Blocs* - desconhecido tanto para a mídia quanto para a população, propiciou um ambiente ideal para essa pesquisa. Foi possível, dessa forma, identificar com mais clareza como essa identidade se construiu, o que não aconteceria com conceitos já enraizados na sociedade, por possuírem diversos e complexos fatores históricos inerentes. Evidente que os *Black Blocs*, ao serem denominados pela revista Isto é como “anarco-punks”, por exemplo, também carregam um peso histórico dessa categorização. Entretanto, poder acompanhar no presente o desenrolar dos fatos também possui o lado positivo de melhor compreender como se deu cada construção.

Cada uma das revistas estudadas apresentou os fatos de forma distinta, com focos diferenciados para determinados aspectos do tema, tanto se referindo às manifestações quanto aos *Black Blocs* especificamente. A revista Veja, na primeira edição analisada, minimizou os manifestantes a vândalos. Já na segunda publicação, enxergou os protestos como potencialmente degradantes para o atual governo e por isso abandonou o discurso que os rebaixava pela violência e passou a exaltá-los. Daqui em diante, segregou “os vândalos” dos manifestantes civilizados, que estavam lutando pelos seus direitos dentro da democracia.

Já a revista Carta Capital foi um pouco mais amena ao noticiar a violência, chegando a minimizá-la e só apresentar os *Black Blocs* como um grupo que merecia atenção na terceira edição publicada sobre o tema. Houve certa ponderação ao definir quem eram os integrantes desse grupo, buscando colocar falas de acadêmicos que não consideravam os atos violentos e sim simbólicos e também daqueles que são radicalmente



contra as intervenções do grupo, considerando que não levam a nenhuma melhoria em termos práticos.

Por fim, a Isto é foi a única das três analisadas que inicialmente deu grande atenção à violência policial, a equiparando com a repressão que acontecia nos tempos da Ditadura Militar. A revista opta por não utilizar o termo *Black Blocs* e sim “anarco-punks”, conferindo-lhes um caráter selvagem em contraposição aos manifestantes “de bem”, que inclusive foram homenageados como um dos “brasileiros do ano”.

Apesar das diferenças, há também semelhanças importantes nessas três abordagens. A Carta Capital, única revista que não está ligada a nenhum grande grupo empresarial e que tem a menor tiragem, é a única que abre espaço para a possibilidade de haver uma visão positiva sobre os *Black Blocs*. As outras duas revistas, a Veja e a Isto é, que possuem um alcance maior dentro da sociedade, os enquadram como promovedores do caos. Percebe-se nas três uma semelhança em relação à defesa dos preceitos da democracia. Além disso, a posição da Presidente Dilma Rousseff frente a esses acontecimentos também têm destaque em todas as publicações, mesmo que a partir de abordagens diferentes.

Utilizando-se da teoria da agenda como base para a compreensão desses fenômenos dispostos, pode-se concluir uma possível tendência que a grande maioria das pessoas terá em considerar os *Black Blocs* negativamente, a partir do principal enquadramento dado pela mídia. Além disso, pela alta saliência desse atributo de depredações dentro do assunto mais amplo das manifestações, há também uma possibilidade de generalização a partir desse quesito, retirando a atenção das reivindicações e dos necessários debates que elas poderiam proporcionar.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRES, Lauro Maranhão. Líderes de opinião no ambiente mediático: uma abordagem teórica no campo da comunicação. Dissertação apresentada na Universidade de Brasília, 2008.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança – Movimentos sociais na era da Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COUTINHO, Iluska. Leitura e análise de imagem. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2006.

ENNE, Ana Lucia. Representações sociais como produtos e processos: embates em torno da construção discursiva da categoria “vândalos” no contexto das manifestações sociais no Rio de Janeiro em 2013. Revista História e Cultura, Franca-SP: 2013

GASTALDO, Braga. O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos. Revista FAMECOS nº 39. Porto Alegre: agosto de 2009

MANHÃES, Eduardo. Análise do discurso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2006.

MATELLART, Armand; MATELLART, Michèle. História das teorias da comunicação. São Paulo: Loyola, 1999.

MCCOMBS, Maxwell. A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2009.

MIDÕES, Miguel. Crise no espaço público, Agenda-Setting e Formação da opinião pública. Mestrado em Comunicação Pública, Política e Intercultural, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2008.

PESTANA, Marco. As jornadas de Junho, Julho e Agosto: questionamentos de ordem e necessidade de avanços organizativos. Revista Marx e o Marxismo v.1, n.1, jul/dez 2013.

TRAQUINA, Nelson. O poder do jornalismo – Análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000.

TV ESTADÃO. Debate com cientistas políticos sobre os protestos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l4SdauaiD4E>

VIANNA, Alexander Martins. As multidões de junho de 2013 no Brasil: o desafio de explica e compreender. Revista Espaço Acadêmico - número 146 - Julho de 2013.

WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Lisboa: Presença, 1994.

YOUPIX FESTIVAL. Protestos e redes sociais - a mudança de poder da mídia. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=i7WVIJERmmo#t=1822>